

PENTAGRAMA

2004 NÚMERO I

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



“MEU MOMENTO AINDA NÃO CHEGOU...”

O HOMEM VERDADEIRO NÃO MORRE

O SOL ESPIRITUAL

O JUGO DO INTELECTO

CORAGEM, TEMERIDADE, HUMILDADE

AMPLIAÇÃO E APROFUNDAMENTO DA INFRA-ESTRUTURA

A MÚSICA DAS ESFERAS

O PROFETA

NIKOLAI BERDIAIEV – O FILÓSOFO DA LIBERDADE

NADA DE PRESENTE, TUDO EMPRESTADO

PENTAGRAMA

CONTINUAÇÃO DO TEMA:

A PROMESSA ESPIRITUAL DA EUROPA ORIENTAL

O conceito Gnosis remete ao Conhecimento,
o conhecimento misterioso e secreto.

No sentido original, Gnosis é a soma das
antigas sabedorias, o conjunto do conhecimento
relativo à vida original divina, à corrente de
vida verdadeiramente humano-divina.

(De leste para oeste, página 9)



ÍNDICE

- 2 "MEU MOMENTO AINDA
NÃO CHEGOU..."
- 6 O HOMEM VERDADEIRO
NÃO MORRE
- 9 O SOL ESPIRITUAL
- 15 O JUGO DO INTELECTO
- 19 CORAGEM, TEMERIDADE,
HUMILDADE
- 22 AMPLIAÇÃO E
APROFUNDAMENTO DA
INFRA-ESTRUTURA
- 32 A MÚSICA DAS ESFERAS
- 36 O PROFETA
- 38 NIKOLAI BERDIAIEV – O
FILÓSOFO DA LIBERDADE
- 42 NADA DE PRESENTE,
TUDO EMPRESTADO.

ANO 26
NÚMERO 1

*Pégaso. Página de rosto de
Unparteyische Kirchen und Ketzer-
Historie de Gottfried Arnold,
Frankfurt-am-Mayn, 1699.*

“MEU MOMENTO AINDA NÃO CHEGOU...”

Alexander Nicolaievitch Skriabin (1872-1915) foi um fenômeno na cultura russa. Suas idéias e sentimentos ultrapassavam os da média dos russos. Ele trouxe uma nova visão de mundo. Sua presença era irradiante e vivente e tinha claro caráter profético.

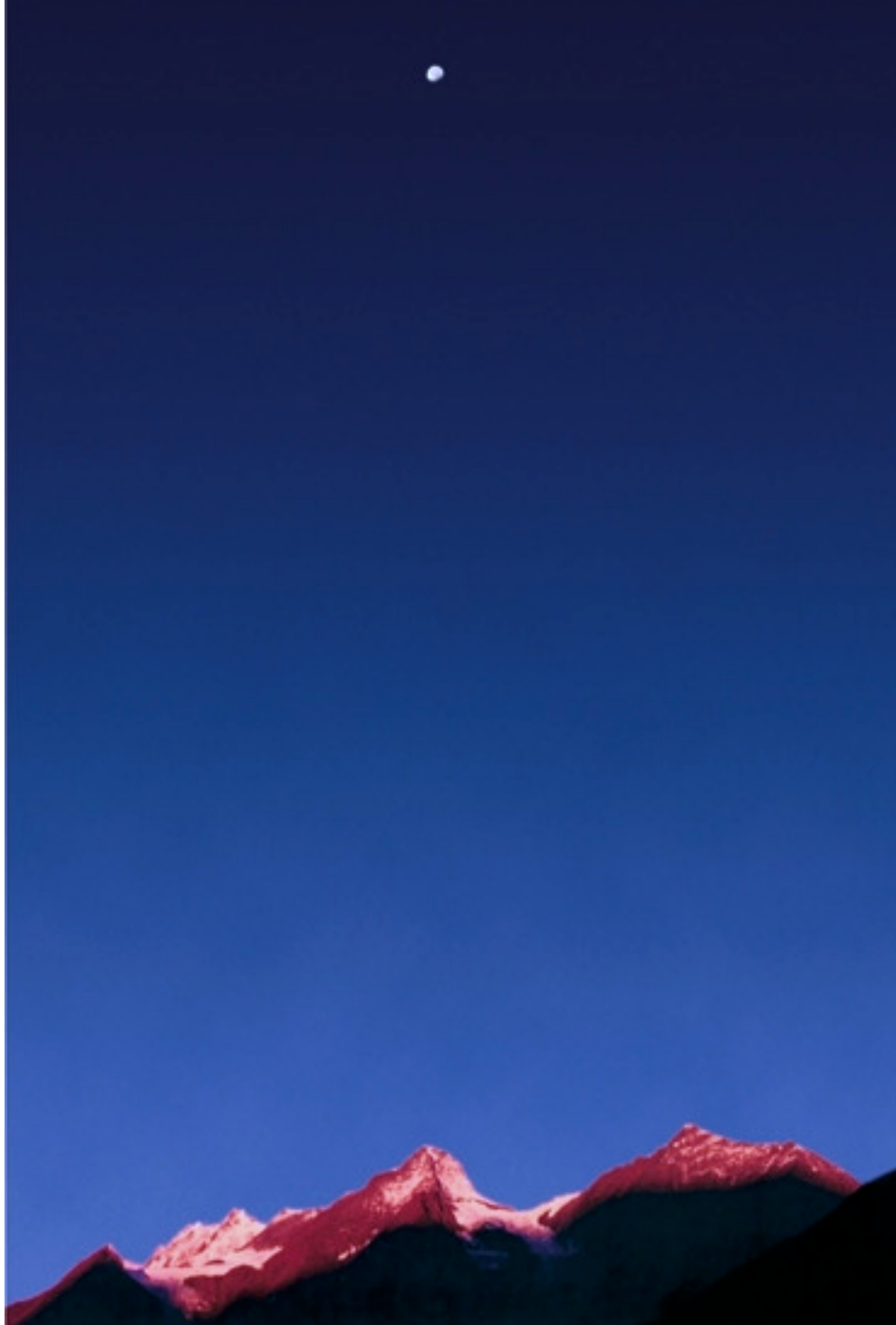
Skriabin desenvolveu pensamentos extremamente pessoais. Ele absorveu a idéia teosófica de ciclos cósmicos, nos quais se desenrola a evolução superior da humanidade, porém, era da opinião de que o ser humano não precisa esperar indefinidamente para alcançar um alto nível espiritual. Com sua arte, ele tentou forçar o surgimento de uma consciência universal e colocar fora de ação a dimensão do tempo e destruí-la. Suas composições estavam completamente impregnadas dessa filosofia. Com sua música ele pretendia curar a humanidade. Ele dizia que todas as artes deveriam fundir-se em uma poderosa síntese que ajudaria a humanidade a experimentar o mistério do mundo. Tal acontecimento modificaria toda a humanidade.

Na transmissão dessa mensagem ele não era, de maneira alguma, humilde. Em sua época viviam grandes personalidades que, aos olhos do ser humano moderno e realista, se comportavam de forma muito teatral. Era a época dos grandes poetas que, com uma maré de quadros brilhantes, trouxeram à tona novas formas e co-

res. Assim também surgiu no palco da vida, o muito talentoso, Alexander Nicolaievitch Skriabin, compositor, pianista, poeta e filósofo, famoso durante a vida, porém rapidamente esquecido após a morte. Ele via como sua missão, transmitir à humanidade, com sua música, uma mensagem elevada.

Sua educação foi determinada por três mulheres. Alguns críticos são da opinião de ser essa a razão de sua postura exaltada. Mas Skriabin vivia na “idade de prata” russa (fim do século XIX, início do século XX), quando a cultura da Europa oriental teve um rápido e elevado impulso. Era uma época de florescimento, em que muitos grandes personagens tiveram um importante, mas sobretudo estimulante, papel na música, na literatura e também na poesia. Era uma época





As montanhas do Himalaia, nas quais o pintor Roerich se inspirou. Foto Pentagrama. São Petersburgo.

inspiradora, intrigante e colorida, cujos principais personagens eram certamente influenciados pelo Espírito. Novas idéias acerca do futuro da humanidade ganharam vida. Um novo caminho deveria ser aberto, novas dimensões deveriam ser pesquisadas. Também foi a época em que H. P. Blavatsky realizou sua obra. Ela denominou este tempo como o fim do

Kali Yuga – o fim de um período e o início de um novo desenvolvimento para o homem e a criação. Outras novas e renovadoras forças e pensamentos abriam caminho. Tradições e antigos hábitos de vida e de pensamento foram descartados.

Skriabin foi inspirado pelo pensamento teosófico, que estudou nos livros *A doutrina secreta* e *A chave pa-*

ra a *Teosofia* de Blavatsky. No entanto, apesar de ele ter sido tocado por essas idéias, não se sentiu atraído por esse movimento, não se tornando membro dele e nem de outra sociedade esotérica. Mesmo assim, mantinha contato com ocultistas e esotéricos, como era costume entre as camadas dirigentes daquela época.

“O BRILHO DO AÇO”

Sem descanso ele procurava por novos temas, novas técnicas, novos tons, combinados com um espectro de doze cores, que estavam em contraposição com os espectros de sete ou oito cores usados na época. Por ser vidente, ele podia perceber a analogia entre cores e tons, e para expressar tais relações, utilizava, por exemplo, três cores “azuis”. Com o “brilho do aço”, ele caracterizava a emergente tecnologia do período industrial, porém não são conhecidos os significados de todas as cores que utilizava, nem o que queria expressar com elas. Em todo caso, na visão do mundo teosófico, cores estão relacionadas com o estado de alma do homem. O azul in-

tenso indica, por exemplo, sentimentos puros e religiosos; vermelho escuro, ganância, egoísmo e raiva. Tais indicações também se encontram na partitura da ígnea poesia de Skriabin, *Prometeu* (1908-1910). Nela existem duas vozes associadas a luz e cor. Ele indicou a cor pertencente a determinada nota e a atmosfera que ela deveria transmitir: misteriosa, fogosa, refletiva, ou ainda o despertar da consciência do ser humano, alegria de viver, dor, êxtase. Desse modo ele tentou expressar a transcendência do ego. Ele designava a base de todas as experiências como “pleroma”. Esta é uma expressão gnóstica que significa “plenitude”, ou seja, o mundo divino, completamente apartado da realidade terrena.

Alexander Skriabin buscava concretizar seus pensamentos em uma filosofia absolutamente pessoal. Com isso ele se distanciava de forma marcante do cristianismo, o que indicam suas anotações de 1894. Regularmente ele tomava parte nos encontros da associação religioso-filosófica de Moscou, nos quais também teve contato com as idéias de Soloviev sobre o mundo. No início, não deu muito valor às tendências místicas desse autor, pois, para Skriabin, era mais um “renunciar ao pequeno eu para conquistar o grande eu (a consciência universal, liberta do tempo e espaço)”. *Portanto, estou consciente de que o mundo é minha criação, de que tudo deve ser resultado de meu livre-arbítrio e de que nada pode existir fora de mim. Eu sou um ser absoluto. Todo o restante são fenômenos nascidos das radiações da minha consciência.*

TEMPLO DE MATÉRIA ETÉRICA

Esse processo de desenvolvimento interior encontrava expressão nas com-



posições de Skriabin. Ele experimentava combinações com muitos instrumentos, no estilo de Richard Wagner, em moda na época. Mas Skriabin foi mais longe do que Wagner, a quem atribuía pouca profundidade.

Nas suas obras sobressai, acima de tudo, sua dedicação ao Mistério, assim como ele mesmo o definia e escrevia com letra maiúscula. Esse Mistério devia se consumir na Índia, em um templo de finíssima matéria etérica, um templo feito de música, cores e luz. *Eu pensei muito a respeito de como seria possível vocês fazerem a estrutura do templo fluídica e criativa. E de repente ocorreu-me que as colunas poderiam ser de incenso. Elas serão irradiadas pelas luzes da orquestra de luz, expandindo-se e contraindo-se! Serão enormes mastros de fogo. E o templo interior deve ser feito deles. A construção deve ser fluídica e mutável como a música. Suas formas devem refletir as esferas da música e dos sons.*

Quem adentrar esse templo deve iniciar como candidato e percorrer as diversas fases da iniciação. Após a revelação desse Mistério, o tempo, como dimensão, não deveria mais existir. Com essa visão Skriabin esteve muito além de seu tempo. Na sua opinião, através desse Mistério, toda a humanidade percorreria um outro caminho evolutivo, que a levaria a um plano superior.

Todas as músicas sinfônicas escritas por Skriabin foram especialmente pensadas para a preparação desse grande Mistério. Ele assim pensou, sentiu e o expressou. Mas ele não era o único que refletia a respeito de música, luz e cor. Ainda no século XVII, o jesuíta francês Castel tinha construído uma espécie de címbalo com teclado, com o qual ele podia combinar música e cor e, em 1863, o físico

Skriabin: “Em uma sociedade verdadeira e sincera, os artistas devem estar no topo da hierarquia. Os artistas e as pessoas sábias, pois são eles que têm as mais elevadas e maiores idéias e que possuem a mais elevada clareza. Montanhas e massas – são sempre matéria, mas nós precisamos aspirar à desmaterialização”.

Da mesma maneira, músicos modernos fazem experimentos com luz. Nos concertos de música pop, rock e em discotecas, é provocada a ilusão de um majestoso templo musical através de fumaça e luz colorida. Mas não era a isso que Skriabin aludia.

alemão von Helmholtz fazia experimentos com sons e cores. Sendo assim, a idéia de Skriabin não era nova, mas foi ele quem realmente começou a apresentá-la, e em grande estilo. Diferente de Wagner que, por exemplo, expressava seus mistérios em óperas, Skriabin procurava por novas expressões de estilo. Ele recebia os impulsos da nova época e estava consciente de não dispor de muito tempo para a obtenção de resultados positivos. Portanto, tinha de duplicar seus esforços. Incansavelmente ele chamava a atenção da elite social para suas visões e experimentos, pois estava convicto de que existia um princípio superior, do qual tudo provinha: a unidade da criação.

Não lhe foi possível realizar suas idéias de forma completa. Morreu relativamente jovem, de uma infecção inicialmente inofensiva. Muitos escritores, poetas, compositores e pintores, tanto de sua época quanto posteriores a ela, foram por ele inspirados.

O HOMEM VERDADEIRO NÃO MORRE

Conversa entre o staretz Pamwa, Anton, Kwadraat e Amigo.

Trecho extraído de “Narciso” de Grigori Skovoroda.

Amigo: – Diga-me, Pamwa, tu, que estudas há tanto tempo, conheces um salmo de Davi?

Pamwa: – Sim, conheço um.

Amigo: – Só um?

Pamwa: – Sim, só um.

Amigo: – Qual?

Pamwa: – Aquele que inicia assim: “Disse comigo mesmo: Guardarei os meus caminhos, para não pecar com a língua” (Salmo 39 – red.). Mas já não tenho medo disso porque pus um ferrolho em minha boca e um selo em minha velha língua.

Amigo: – Falar é verter um fluxo de palavras cuja fonte é a língua. Porém, meu caro Pamwa, se o Senhor te libertou da vaidade de tua língua, é porque Ele te revelou a exatidão da língua de Davi, que estudou cada dia a verdade divina e anunciou seu poder para a posteridade.

Kwadraat: – Sim, é claro. Podemos falar do branco sem conhecer o preto? É o mesmo sentido do paladar que nos ensina ao mesmo tempo o amargo e o doce. Similarmente, se o Senhor permite a uma língua melíflua que se expresse, não inspirará Ele também a palavra justa ao que estudou a sabedoria?

Anton: – Ah, dizes aqui algo de formidável. Aquele que, portanto, não conhece a palavra nova só pode ignorar a antiga, não é mesmo?

Pamwa: – Sem dúvida nenhuma. O antigo ressoa até o momento em que o novo se afirma. Já se viu alguém atestar da escuridão sem conhecer a

luz? Dize-me, será que uma toupeira poderia nos explicar a diferença entre o dia e a noite?

Anton: – Uma toupeira não poderia, mas um homem, sim.

Pamwa: – Acreditas que um cego poderia, diante de um quadro, dizer onde se encontra a parte clara?

Anton: – Não, isso ele não poderia.

Pamwa: – E por que não?

Anton: – Porque ele nunca viu o escuro. Se ele conhecesse uma das duas cores opostas, ele poderia identificar a outra.



Pomba em
mármore. Foto
Pentagrama.

Pamwa: – Sim, e isso é também válido no caso que nos interessa. Se compreendemos a juventude, podemos compreender a velhice.

Anton: – O que me surpreende, mesmo assim, é que não temos um conhecimento inato nem sobre a juventude, nem sobre a velhice, e muito menos sobre nascer de novo.

Pamwa: – A luz ilumina o que não distinguimos no escuro. Do mesmo modo, somente Deus pode conceder a verdade absoluta. O homem terreno tende a compreender. Mas não é também desse modo que um recém-nascido vê coisas, num estado de semi-consciência, em realidade, invisíveis? A Luz nascente apaga todos os outros clarões. Cada um conhece conceitos como tempo, vida, morte, amor, pensamento, alma, paixão, consciência, graça, eternidade. Acreditamos saber o que significam. Mas quando se trata de explicá-los, esgotamo-nos ao refletir sobre eles. Quem pode dizer o que significa o conceito de tempo antes de ter penetrado até as profundezas divinas? O tempo, a vida, e todas essas idéias estão em Deus. Quem pode compreender alguma coisa dessas criações visíveis e invisíveis, se não discerniu delas nem o princípio nem o fundamento[...]?

Se, portanto, queres conhecer e analisar uma coisa, deves primeiro escalar a montanha do conhecimento de Deus. Lá, serás iluminado pela irradiação secreta de Deus e poderás explorar tudo o que quiseres. Não somente a primeira infância e a velha veste gasta, mas também tempos muito mais antigos e até mesmo o céu dos céus. Mas, quem nos alçará para fora do abismo da ignorância? Quem nos conduzirá à montanha de Deus? Onde estás, Tu, nossa Luz, Jesus Cristo? Somente Tu exprimes a Verdade em

Grigori Skovoroda (ver Pentagrama nº6, ano 25, p.24) chamou ao seu diálogo “Narciso” (ca. 1870) seu “filho primogênito”. As cinquenta páginas desse livro encerram numerosos aspectos do caminho espiritual. No prólogo, Skovoroda oferece uma visão insólita do mito de Narciso e define o transfigurismo como uma doutrina relativa a um processo de união, de fusão e de transformação. O staretz Pamwa toma parte dessa sétima conversação, que acabou de ser apresentada. Até o século XX, o staretz (o ancião) era um conselheiro amado e respeitado. Em “Os irmãos Karamazov”, Dostoievski faz o retrato de um staretz. “Mas, o que é um staretz senão uma espécie de eremita ou de monge? Na época muito iluminada em que vivemos, ouvimos muitas vezes pronunciar a palavra monge com uma ponta de ironia; tornou-se até mesmo um insulto. E quanto mais se fala, pior fica. É verdade, é infelizmente mais do que verdade que entre os monges perambulam malandros, lúbricos, glutões, os que fogem das tarefas e os que não têm nem fé, nem lei. É contra esses que as pessoas honestas têm algo: ‘Em nossos dias, nos meios esclarecidos, pronuncia-se este termo com ironia, por vezes mesmo como uma injúria’. E isto vai aumentando. É verdade, ai, que se contam, mesmo entre os monges, muitos mandriões, sensuais, libidinosos e desavergonhados vagabundos. ‘Não passais de preguiçosos e membros inúteis da sociedade, vivendo do trabalho alheio, mendigos sem vergonha.’ Entretanto, quantos monges são humildes e mansos, aspiram à solidão para nela se entregar a fervorosas preces! Não se fala deles, cercam-nos de silêncio e causarei espanto a muita gente dizendo que são eles que salvarão, talvez, ainda uma vez a terra! Porque estão verdadeiramente prontos para ‘o dia e a hora, o mês e o ano’. Guardam na sua solidão a imagem do Cristo, esplêndida e inata, na pureza da verdade divina.”

Dostoievski, F.M., *Os irmãos Karamazov*, São Paulo: Abril Cultural, 1970.

teu coração. Tua Palavra é a Verdade. Teu evangelho é uma lâmpada acesa. Tu és a Luz das Luzes. Esse é o único meio de escapar à ilusão e às trevas geradas pela ignorância. Essa é a casa



de Davi, onde o Trono da Justiça condena e aniquila toda mentira. O que mais queres saber, Anton? Busca o interior dessa casa bem-amada. E se não encontrares a entrada da primeira sala, bate a uma outra porta, à décima, à centésima, à milésima, à décima milésima. Exteriormente a casa de Deus é semelhante a um estábulo, mas, no interior, a Virgem dá a luz àqueles a quem os anjos louvam sem cessar. [...] Não entres lá como um ladrão. Busca as portas e bate até que elas se abram. Não serás encontrado digno de entrar enquanto concederes tua preferência a este mundo em vez de preferires a montanha de Deus. Ninguém terá acesso a ela se ainda tiver a menor resistência. E não tentes forçar uma porta, pois, então, serás mergulhado em trevas ainda mais profundas.

Amigo: – Já não posso me calar agora que ouvi a santa e suave mensagem da serena ressurreição. Embora permaneça na escuridão gelada e mortal, percebo em mim mesmo um misterioso raio que aquece meu coração. Ah, Pamwa, que possamos impedir essa centelha divina de ser

sufocada sob o granito e a cinza dos túmulos que somos! Ó divina centelha, semente e embrião! Semente de Abraão. Filho de Davi. Jesus Cristo. O novo homem celeste. Cabeça, coração e Luz da criação inteira. Centro absoluto. Força, Lei e Reino da Liberdade. Destra de Deus. Ó Ressurreição! Quando poderei provar tua Graça? Tu és o verdadeiro homem, a carne tornada pura. Esse homem, nós não o conhecemos; só conhecemos o homem mortal comum. O homem verdadeiro não morre. Aquele que conhece o homem verdadeiro, imperecível, se torna imortal. A morte não tem mais poder sobre ele. Como fiel servo, ele governa com seu Senhor para todo o sempre. Ele despojou-se da carne como de uma veste usada e recebeu um novo corpo, criado para ele. Ele não adormecerá na morte, mas se transformará; mãos inalteráveis substituirão suas mãos carnisais, e no lugar de seus ouvidos, de seus olhos, de sua língua de animal e de todos os seus membros, ele receberá os membros verdadeiros ocultos em Deus.

Caníços
ondulantes
vergam, mas não
se rompem.
Lago Balaton.
Hungria. Foto
Pentagrama.

○ SOL ESPIRITUAL

Visto da terra, o sol caminha de leste para oeste. Ele se levanta no leste, como se costuma dizer, e se põe no oeste; e esse movimento se repete indefinidamente. A vida na superfície da terra depende do sol visível. Mas há também um sol invisível, que comanda mecanismos imperceptíveis e os conserva.

O sol visível é uma expressão do sol invisível que os egípcios chamavam de Aton, os gregos de Hefestos e os romanos de Vulcano. O sol visível, todavia, é mais do que a contraparte material do sol invisível. Ele também prodigaliza as forças que o sol espiritual libera em proveito do sistema solar. Ele é um chamado que ressoa do Oriente.

O leste e o oeste são representações geográficas determinadas pela rotação da terra. Se os pólos mudassem de posição, o leste e o oeste também mudariam de localização, como é mencionado nos arquivos dos templos egípcios. Na Índia, na Grécia e na Roma antigas, as palavras *usas*, *eos* e *aurora* eram utilizadas. Essas palavras significavam tanto o ciclo diurno, a deusa do dia, como o brilho do ouro. A palavra “oeste” é derivada do sânscrito antigo *avas*, do grego *hespera* e do latim *vesper* que significam descer (na matéria), ir para baixo, e também a estrela do pastor, o ocidente, lá onde o sol desaparece e onde nascem as trevas.

Segundo os ensinamentos universais que descrevem seu plano de evolução, a humanidade encontra-se hoje na era ariana, que toma seu nome da palavra *arya*. Na Índia antiga, esta palavra significa “nobre”. O berço da raça ariana está na Ásia central. De lá provieram os sete impulsos espirituais que estão na origem das sete grandes religiões mundiais. Estas sete religiões, assim como as grandes civilizações que surgiram delas, deixaram vestígios materiais, etéricos e astrais ao longo de seu avanço de leste para oeste, iluminando as trevas em sua passagem.

Uma grande parte desses vestígios é invisível, mas encontramos nos templos palavras, símbolos e imagens que testemunham do futuro do homem e de seu retorno à origem. No Evangelho de João (1:1-3), está escrito: *No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.* A força desta sentença mágica parece ter-se perdido. Em todo caso, ela não se dirige ao homem materialista, assentado em suas bases, e que muitas vezes dá um sentido comum às divisas bíblicas, empregando-as sem discernimento para corroborar suas opiniões. A força mágica, então, teria aparentemente se perdido. Na realidade, não é assim. Sem o Verbo de que trata o Evangelho de João, nada do que foi feito teria

O deus Dionísio, nascido do abraço de Zeus e criado por Hermes. Baixo-relevo, Museu do Vaticano, Roma.

sido feito. Esse Verbo é a força de crescimento e de realização de todas as coisas. A força que aperfeiçoa a Criação irresistivelmente, metodicamente. O acaso e o arbitrário estão totalmente excluídos disso.

O CONHECIMENTO VIVO DA VIDA ORIGINAL

O *Livro dos preceitos áureos*, do qual ignora-se as fontes e do qual H.P. Blavatsky tirou *A voz do silêncio*, trata do *Jnâna*, que significa o puro conhecimento ou sabedoria. *Infeliz da corça que é alcançada pelos demônios ladradores antes de ter atingido o vale do refúgio chamado de Jnâna Mârga*. Jnâna Mârga é traduzido literalmente por senda do puro conhecimento. Um livro sânscrito, o *Jnanashwari*, traz, em uma magnífica exposição, o teor do ensinamento que Krishna transmite a Arjuna.

Os gregos chamam de Gnosis esse conhecimento vivente da vida original. Quando o conceito cristão “Deus” começou a perder seu conteúdo, a palavra “Gnosis” foi redescoberta e recuperou toda a sua importância. Depois da Renascença, os tempos estavam maduros para investigar as raízes

da vida gnóstica e passar à prática. Depois de um longo período de clandestinidade e uma breve fase preparatória, levada a bom termo por pioneiros como H.P. Blavatsky, Max Heinzel, Rudolf Steiner e muitos outros, a Gnosis foi desvelada. Esse novo passo foi decisivo para levar a humanidade a um outro estágio de desenvolvimento.

Extraído das cavernas e dos desertos do esquecimento, um ensinamento intacto apareceu à luz do dia. Descobertas como a de Nag Hammadi, no Egito, voltaram a colocar a Gnosis em foco. Apesar da oposição inicial de um grupo de conservadores, os manuscritos foram traduzidos e apresentados a um grande público. A sabedoria dos antigos gnósticos ressurgiu em nossa época e pouco a pouco obteve reconhecimento.

A Gnosis é amplamente recebida como uma fonte secreta de inspiração, como a voz de um outro mundo, de um mundo que, especialmente nos círculos esotéricos, é objeto de profundos estudos. Porém “Herodes”, ainda sempre presente como eterno adversário, tenta manter o controle. Ele joga sobre a Gnosis uma luz sinistra, ao mesmo tempo em que reconhece a marca que ela deixou como



fenômeno histórico. Mas pouco importa, pois isso não impede a Gnosis de envolver a humanidade com amor inefável e de guiá-la com paciência no caminho da evolução. É preciso que a criança cresça, torne-se robusta e se desembarace das faixas do tempo e da ilusão.

Para o homem do presente, é da mais alta importância “respirar” com a cabeça e o coração, preencher-se da força divina, vivente e regeneradora, a Gnosis, a fim de se elevar acima dos caminhos de perdição nos quais se encontra extraviado. Essa é a condição básica. Somente um coração e uma cabeça iluminados fazem de nós servidores da Gnosis. O caminho gnóstico de evolução é rico de testemunhos. Ele foi seguido por todas as civilizações. No decorrer de um passado mais recente, esse fio condutor foi agarrado pelos bogomilos, os cátaros, os franco-maçons e os rosacruzes.

PESQUISAR TODOS OS NÍVEIS DE VIDA

No tumulto de nossa época, muitas pessoas estão conscientes de uma motivação interior desconhecida e superior. Eles formam grupos de pesquisadores de todos os níveis. Alguns se juntam, como no passado, em fraternidades que professam ideais elevados. Em função dos novos poderes da alma, eles constroem uma unidade que lhes permite ultrapassar os limites da forma e do conteúdo e colocar-se a serviço de seus semelhantes. A força de luz que eles recebem e liberam serve de alívio para o sofrimento humano.

Ao ter êxito em realizar o Graal ou, como diz a Bíblia, o “mar vítreo”, eles mostram que triunfaram da vida inferior. Uma tal comunidade de homens-alma se eleva ao patamar onde a



Gnosis se revela a eles, a serviço da humanidade em busca da Liberdade.

A GNOSIS É ONIPRESENTE E PENETRA TODOS OS SERES

Às vezes ouvimos dizer que os tempos estão maduros: na prática, a maturidade significa que o tempo da colheita chegou. O mesmo acontece na vida espiritual. A Gnosis fala por si só. Sua força é onipresente e envolve e penetra todos os seres. E aquele que a busca deve poder reconhecê-la naqueles que a transmitem. No entanto, ela só se torna reconhecível aos que são conscientes e que a liberam e a comunicam a serviço da vida total. Chega, então, um tempo em que a hu-

Schamash, deus do sol, alimenta um príncipe babilônico. Baixo-relevo, Suza, Mesopotâmia, século XII, Louvre, Paris.



manidade se beneficia dessa ajuda.

À época do trabalho para o homem e com o homem segue-se a época em que a Gnosis trabalha por meio do homem, desde que ele esteja preparado. O gnosticismo pode representar aos olhos de alguém autoritário e conservador uma corrente herética; aos olhos de um outro, ele será uma fonte dessedentadora para sua árida visão da Criação e de sua própria existência e o fará descobrir numerosas possibilidades e, acima de tudo, o alvo novo e libertador a ser alcançado.

A Gnosis não está ligada ao tempo. Ela o transcende. Ela é a verdade vivente desde a aurora da Criação, o Verbo do princípio pelo qual *todas as coisas foram feitas, e sem ele nada do que foi feito se fez*.

A humanidade chegou ao final de um período de desenvolvimento. A luz matinal de uma nova era de evolução anunciou-se. O homem de hoje deve testemunhar do Verbo, da Gnosis, em ação e em verdade. Na Bíblia é dito que Jesus Cristo se fez carne. Isso significa que o Conhecimento vivo e a Verdade desceram no homem para serem revelados nele e por ele.

O gnóstico transfigurista J. van Rijckenborgh escreve, em *A Gnosis Universal*, que o conceito “gnosis” remete ao Conhecimento, o conhecimento misterioso e secreto. No sentido original, ela é a soma das antigas sabedorias, o conjunto do conhecimento relativo à vida original divina, à corrente de vida verdadeiramente humano-divina. A Gnosis não está nos livros. Isso não é possível. Ela só se transmite oralmente, onde for útil e necessário, e no momento exigido. Está fora de questão que a Gnosis se revele e se transmita em sua integralidade, como um sistema.

O GRAAL É UMA BALIZA NA
NOITE DOS TEMPOS

Todos os livros de sabedoria universal, inclusive a Bíblia, não são revelações da Gnosis; ainda não. Esses textos especiais testemunham da Gnosis, dão informações sobre a intangível unidade original e sobre o acontecimento que constituiu a separação entre o divino e o não divino. Eles aparecem muitas vezes em forma de diálogo entre um mestre e um aluno

em busca da unidade original. Muitas lendas e relatos aludem também à origem e ao caminho que leva a ela. O Graal é muitas vezes mencionado como o símbolo final desse processo. O Graal segue de leste para oeste, da luz para as trevas, e representa uma baliza na noite dos tempos.

Ele é o emblema deste segundo período do cristianismo: o tempo da colheita e do testemunho daqueles que encontraram o caminho do Graal e puseram em prática suas exigências. Esse caminho está registrado nos quatro Evangelhos da Bíblia. Mas eles não são os únicos a dar testemunho disso. Um certo número de escritos apócrifos lançou uma nova luz sobre passagens obscuras dos Evangelhos e levantou o véu da Gnosis, revelando-a.

Em sua maioria, os próprios mensageiros da Gnosis não deixaram escritos. Suas palavras foram transmitidas por outros, e as transcrições oriundas dessas tradições foram objeto de uma recompilação.

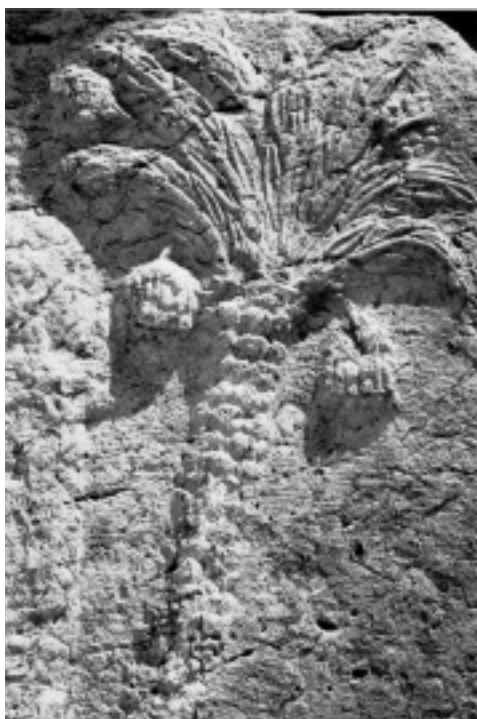
CADA BATIDA DO CORAÇÃO É UM CHAMADO

Esse processo é às vezes descrito de forma tão límpida que podemos nos perguntar como proporcionalmente tão poucas pessoas vejam e encontrem o caminho gnóstico de libertação. Terão elas tão pouca compreensão? Serão elas letárgicas ou não sentem necessidade disso? Será que elas só priorizam suas preocupações e seus prazeres cotidianos? Não têm elas nenhuma idéia da situação em que se encontram? Conscientemente ou não, em dado momento, num batimento do coração, mais de uma pes-

soa é tocada pela Gnosis. Elas podem fechar o coração, mas também podem abri-lo. Neste caso, elas se tornarão cada vez mais conscientes do sentido verdadeiro da vida e sentirão como a promessa da aurora surge no oriente e como aproxima-se o dissipar das trevas. O tempo chegou, e elas percebem o impulso que as impele para uma nova evolução.

Para compreender a Gnosis é preciso uma nova alma. As considerações filosóficas sobre o passado gnóstico e seus vestígios na História são, para a nova alma, de um interesse secundário. O que conta, antes de tudo, é o ato, é reagir de forma positiva ao chamado da Gnosis. O conhecimento adquirido pela nova alma é, assim, ampliado, pois a Gnosis é o conhecimento vivente alimentado pelo fogo original. Quando o candidato se torna consciente do processo, essa realidade

Relevo de uma
palmeira.
Palmira, Síria.
Foto
Pentagrama.



permeia totalmente sua vida. Porém, ele deve velar para não deixar seus conceitos sobre Gnosis e gnóstico escorregarem para o nível do desconhecimento generalizado. São conceitos muito elevados e, com a ausência de pura compreensão, existe o terrível risco de nivelar por baixo: cai-se facilmente no falatório e na dispersão, acarretando mais mal-entendidos e confusão.

Filosofar sobre Gnosis é uma ilusão, diz J. van Rijckenborgh. Segundo ele, a Gnosis não é nem filosofia, nem religião, nem método do que quer que seja. Ela não apela nem aos nossos poderes intelectuais, nem aos emocionais. No início, ela se apresenta ao pesquisador sob uma forma especial. Ela é justamente a força do verdadeiro reino, que veio unir-se ao microcosmo da maneira mais simples.

A terra, como todos os corpos celestes do sistema solar, é alimentada, mantida e purificada pela energia do sol. A corrente de energia chamada vento solar, emanada do sol, lançou, nestes últimos onze anos, chamas a até um milhão de quilômetros de altura. Em outubro e novembro de 2003, essa “circulação sanguínea” do sol mostrou sinais de arritmia. Entre dois “batimentos do coração” houve uma erupção, no dia 28 de outubro, de potência estimada em sete megatons, seguida, no dia 29 de outubro, de uma erupção de dez megatons e, no dia 4 de novembro, por uma tempestade solar de potência de vinte e oito megatons. Em dez dias foram contadas seis erupções muito fortes, mais fortes do que normal. A última erupção foi filmada e vemos uma chama gigantesca, como a de um cuspidor de fogo. Mas os aparelhos medidores dos satélites, ultrapassados por uma tal violência, ficaram momentaneamente em pane.

No livro *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*, ele escreve: *Quando voltais vosso olhar para a aurora e vosso inteiro comportamento está em sintonia com ela, então a Luz se eleva no oriente. A vibração do microcosmo se eleva e as correntes magnéticas do oriente e as do ocidente devem se harmonizar com ela. A corrente que sai expulsa o que é ímpio, e a corrente que entra evoca o passado original dos filhos de Deus.*

Em seu livro *O anjo na janela do ocidente*, Gustav Meyrink descreve o modo pelo qual as forças que repelimos continuam tentando exercer sua influência magnética, batendo muito tempo na porta do eu, para aí serem admitidas novamente. É por isso que a neutralidade do eu é a base e o ponto de partida do processo de libertação. A Gnosis trabalha na câmara interior quando o candidato, na Sua força, dá forma ao trabalho exterior. Todos os homens de nosso tempo são chamados a essa nobre tarefa. O trabalho sobre o exterior é uma colaboração consciente com a colheita, pela preparação daqueles que não encontraram ainda o caminho. O trabalho na câmara interior prepara para a recepção da descida da Gnosis no coração ardente de desejo.

O sol avança infalivelmente de leste para oeste, em toda a vida material assim como em toda a vida espiritual. Por isso é dito: “Trabalha enquanto é dia e aguarda tua hora”.

Assim testemunhamos da Glória intangível de Deus.

O JUGO DO INTELECTO

*“O mais elevado saber é nada saber.”
No mundo inteiro, há pessoas que chegaram a esta conclusão. Para os outros, a antiga sentença dos rosacruzes é um paradoxo incompreensível. O que é, pois, a verdade?*

A classificação em categorias e os limites estabelecidos pelo intelecto podem servir para ordenar a vida comum. Mas enquanto esses métodos governam o pensamento, eles bloqueiam sua expansão e novamente nos encontramos no caminho errado. O filósofo russo Leon Chestov (1866-1938) é um dos maiores pensadores que desenvolveram a “filosofia religiosa”. Para ele, o intelecto é por demais limitativo. Em Paris, ele frequentou os encontros semanais de seu amigo, o filósofo russo Berdiaiev. Nascido em Kiev, seu nome civil era Leon Isaak Schwarzmann. Ele estudou nas universidades de Moscou, Roma e Berna e, fugindo dos bolcheviques, foi para Genebra. Convidado pela Sorbonne, passou seus últimos anos em Paris. Faleceu em 1938, deixando uma importante obra filosófica.

No decorrer de sua busca pela verdade, Chestov concebe muitos pensamentos profundos que incessantemente reformula. Ele descreve o modo como cada pessoa, constrangida pelo mental, desvia-se do caminho traçado. Ele se pergunta quem formou sua vida e por que sua pesquisa o

leva sempre de volta do exterior para o interior, *para a enigmática e insondável profundidade*. Ele orienta sua pesquisa especialmente para as motivações de nossos atos e luta a vida toda contra o domínio do cérebro biológico. Essa é uma das razões pela qual é contado entre os filósofos mais importantes do século XX. Ele fala da *compreensão objetiva ilimitada*, porque ele mesmo venera esse conceito que domina todos os poderes superiores do ser humano. A tendência de reprimir a vida puramente interior e colocar à frente o intelecto de maneira parcial não é nova.

“O FILÓSOFO DAS PROFUNDEZAS”

Para se distinguir de todos os movimentos que se ocupam dessa questão, ele se autodesigna como “o filósofo das profundezas”; contra a tendência à extensão ilimitada do intelecto, propõe *a apoteose da profundidade insondável*. Ele quer mostrar que as profundezas enigmáticas e ocultas são inacessíveis ao intelecto, porém, que é nelas que se revela a dimensão espiritual, pois é justamente essa profundidade que abre espaço para a manifestação de aspectos espirituais. Ele fala da própria vivência porque tudo o que experimenta do Mistério e do inefável lhe oferece finalmente a chave para a profunda compreensão da existência. Ele sente e supõe uma tremendamente criadora liberdade por detrás dos

limites do intelecto. Portanto, ele utiliza sua própria energia e atenção para se livrar de princípios intelectuais pré-estabelecidos.

Chestov observa com precisão que ater-se ao racional em tudo representa um perigo para a vida espiritual. No livro *O poder das chaves* ele mostra como o intelecto cultivado é temerário e presunçoso: ele quer até demonstrar Deus. O que a razão já não se permitiu no decorrer da história! A razão extraviada até estabeleceu seus próprios critérios da existência da divindade, e Deus só precisa ajustar-se a esses critérios. Com que complacência o pretensioso intelecto dignou-se a demonstrar a existência de Deus!

A SOLUÇÃO ESTÁ ONDE NÃO HÁ MAIS SOLUÇÃO

Aonde leva a via que Chestov tomou? Ele afirma: *A única verdadeira solução começa quando já não há mais solução segundo os critérios humanos. Precisamos nos voltar para o insondável para nos aproximarmos do impossível [...] Lá está Deus. E isso justamente porque o insondável não corresponde a nenhuma categoria intelectual.* Num outro relato, ele explica: *Devemos mergulhar em Deus e nos libertar de um só golpe de todo o racional.* Podemos fazer um paralelo entre Chestov e um dos primeiros autores cristãos, Tertuliano, que declara: *Crede quia absurdum!* Creio porque é absurdo, porque isso ultrapassa os limites da compreensão. Em *Atenas e Jerusalém* (1938), Chestov dá sua visão do mundo: *Jerusalém deve ir a Atenas para receber a benção.* E no livro *A balança de Jó, nas fontes da*

verdade eterna (1929), ele emprega a mesma imagem: *É dito que tudo o que vem de Jerusalém deve ser pesado em Atenas.* O que isso significa? Chestov designa por Atenas a capital do puro intelecto, e Jerusalém, a do sentimento religioso. Ele não vê nenhum compromisso possível entre a intelectualidade de Atenas e a espera cheia de esperança de Jerusalém. As duas se excluem. *O saber não pode ser o mais elevado objetivo do homem!* É por isso que Chestov condena *a caça ao saber em filosofia.* Segundo ele, todos os conhecimentos impedem de perceber o *verdadeiro dom de Deus.* Com essa expressão ele designa a liberdade absoluta e criadora surgida da fé que, ela sim, pode perceber. É preciso rejeitar o jugo do intelecto: *Deus está onde nenhum saber domina, mas onde a liberdade respira e vive.* Ele está convencido de que a primeira precaução em relação às atividades do intelecto ressoa no mito da queda. Para Chestov, a queda é exclusivamente de ordem intelectual, tendo o homem se fechado à penetração do *Mistério insondável.* A queda foi provocada pelo *desejo do saber, por comer dos frutos venenosos.*

“O FECHAMENTO DO CAMINHO DA VERDADE”

Chestov qualifica a ciência moderna de tumor cancerígeno. *A ciência ganha terreno de hora em hora e torna as nuvens em torno do Mistério original mais espessas.* Como todos os autênticos exploradores das fronteiras, ele sente intensamente o muro de separação da contra natureza, que se ergue entre o ser e o insondável. Des-

se aprisionamento, ele diz: *É como se uma força houvesse resolvido, desde antes da criação do mundo, fechar o caminho da verdade.* Depois, a razão erra por caminhos obscuros. *Ou nossa construção do mundo é falsa, ou então temos tomado o caminho errado para ir para a verdade!*

Chestov não reprova o pensamento, porém volta-se contra sua dependência, que provoca todo tipo de desvios de modo que o mais sutil intelecto já não compreende a si mesmo. Ele busca em vão a harmonia entre o coração e a cabeça. Para ele, a consciência está envolta em véus. *O homem vive envolto por um número infinito de mistérios [...] A forma pela qual ele se separou de sua origem, da fonte de sua vida, permanece um enigma.* Ele está convencido de que imensas forças dormitam na alma humana e que somente elas podem induzir a experiência direta da *profundeza insondável*. Em 1898, no livro *A idéia do bem*, ele mostra como isso pode acontecer: *O amor fraterno não é Deus. É preferível encontrar o que ultrapassa a compaixão, a comiseração, o bem. É preciso buscar a Deus!* Sua busca começa onde o caminho ultrapassa a razão e a moral. Depois da publicação de suas obras, Chestov passou a ser considerado como o mais importante representante do renascimento religioso na Rússia.

Quais são os pontos culminantes de sua busca? Ele experimenta que a contradição entre fé e ciência é irreduzível. Além disso, ele prova que, pela sua fé, recebeu revelações interiores e que a revelação é absolutamente diferente do saber; que *ela só acontece na montanha*. Ele vê Moisés no Sinai e



Jesus no Monte das Oliveiras, e apresenta esta imagem a seus irmãos humanos para que reflitam. Os esforços intelectuais intensivos só concernem aos domínios inferiores da vida. As verdades materiais alcançadas desse modo são para ele apenas *erros encarnados*. Ele sente sua filosofia como *uma música superior. No sentido de Platão.*

“O HOMEM DEVE SE MANTER
SOBRE SUA BALANÇA INTERIOR”

Chestov, como filósofo, não vivia retirado. Ele manteve intercâmbio com pensadores famosos como Martin Buber, Albert Einstein, Marinan Zvettaïeva, Martin Heidegger e Edmond Husserl. Boris Pasternak foi inspirado por sua visão do mundo. Seu jovem amigo filósofo, Serguei Bulgakov, escreveu: *Era impossível não amar Chestov e não compartilhar de sua visão de*

As funções cerebrais representadas num modelo em porcelana.

mundo. Sua extraordinária delicadeza, sua surpreendente bondade e sua benevolência o explicam. Essa era a nota fundamental de suas relações com outrem, sem a menor ambição do que quer que seja. Ao mesmo tempo, ele travava um duro combate para sua realização espiritual.

Para ele, o mais importante é se manter sobre sua balança interior. O potencial da alma deve se revelar. Ele escolhe como exemplo o personagem de Jó, do Antigo Testamento. Jó permanece fiel a sua consciência. Ele mantém sua confiança em Deus apesar de seus sofrimentos e de sua miséria. Quando estes se tornam mais *pesados do que a areia dos mares*, ele grita em sua angústia e desespero (Jó 6:3 e 31:6): *Pese-me em balanças fiéis e saberá Deus a minha sinceridade!* Chestov é profundamente impressionado pelos males suportados por Jó em seu caminho, mas acima de tudo por sua tenacidade. Sem protestar, ele aceita e suporta seu destino. Se tivesse se confiado ao intelecto, ele teria entrado em contenda com Deus. Sua aceitação fascina Chestov, que considera essa a marca do verdadeiro bem em um ser humano. Sedutores cercam Jó nas pessoas de sua esposa e de seus amigos que lhe dão, com “bons motivos” – pensam eles – o conselho de abjurar Deus, pois onde está a justiça divina quando alguém sofre tanto? Mas Jó nada quer saber desses conselhos “razoáveis”, e permanece surdo a eles.

“A APOTEOSE DO INSONDÁVEL”

Com o tema de *A balança de Jó*, Chestov quer mostrar que em sentido profundo o que importa não é a compreensão intelectual *porque Deus vê o coração. Ele ouve os gritos desesperados que saem das profundezas, mas*

Ele ignora os raciocínios dos amigos de Jó. Assim se manifesta a lei das leis e a reconhecemos. Eis a *apoteose das profundezas*, uma realidade superior que permanece oculta à inteligência isolada. Deus é uma força que ultrapassa a razão humana. A compreensão, tal como ela se desenvolve no gênero humano atual, não é senão temporal. Quem se agarra a ela se enraíza na escuridão.

Chestov mostra que o buscador deve *se subtrair à tutela do intelecto* para experimentar a verdadeira vida. É renunciando à visão do mundo definida pela razão que ele encontrará o caminho de retorno para a pátria espiritual. Como Jó, ele não deve alimentar a menor esperança no mundo. Ele está consciente de ser um estrangeiro no mundo diário e ao mesmo tempo experimenta-o como uma graça, pois pode se libertar do jugo do intelecto. No livro *A voz do silêncio*, traduzido por H.P.Blavatsky, é dito: *o mental é o grande destruidor.* É preciso aniquilá-lo e, segundo Chestov, substituí-lo por um novo pensar. A filosofia da Rosacruz Áurea descreve em detalhes como se desenvolve esse novo pensar que ultrapassa os limites do humano.

FONTES:

Leo Schestow: *Athen und Jerusalem, Versuch einer religiösen Philosophie*, Matthes & Seits, Munique, 1994.

Idem, *Potestas clavium – die Schlüsselgewalt*, Verlag Lambert Schneider, Heidelberg, 1956.

Idem, *Tolstoj und Nietzsche, die Idee des Guten in ihren Lehren*, Matthes & Stein, Munique, 1994.

Idem, *Auf Hiobs Waage, Wanderungen durch das Seelenreich*, Verlag Herder, Viena, 1950.

Sergei Bulgakow, citando Gustav A. Conradi em: *Leo Schestow oder das paradiesische Leben in der Schrift die Idee des Guten.*

Antigo Testamento, Livro de Jó, 31:6.

CORAGEM, TEMERIDADE, HUMILDADE

A palavra coragem remete a diferentes associações de idéias. Quanto a mostrar coragem, cada um tem sua própria interpretação. Há a coragem física, a social, a moral e a capacidade de suportar. Examinaremos se existe uma coragem espiritual e quais seriam suas relações com as formas de coragem conhecidas.

Uma definição simples de coragem é: ousar fazer algo difícil. Para uma criança, é preciso coragem para dar a mão a uma pessoa estranha, andar de bicicleta sem o apoio de outra pessoa, pular numa piscina, pedir a outra criança para devolver-lhe seu brinquedo. Os pais estão aí para encorajá-la. Eles se esforçam por desenvolver a coragem das crianças, sua vontade, sua capacidade de suportar, a fim de que ela possa, um dia, tomar seu lugar na vida. As crianças, por sua vez, respeitam aquele que “tudo ousa”: ele se torna seu herói. Nos contos de fadas, o personagem principal convida à coragem. Na Holanda, o jornal da Escola contém uma rubrica intitulada *O herói da semana*. Ela faz parte de um programa que tem por objetivo dar exemplos às crianças e contribuir com a luta contra a bagunça, o racismo e a violência gratuita. Os “azes” do futebol e outras pessoas constituem pretexto para mostrar princípios e valores justos. A História evoca os heróis de tempos passados que se destacaram pelos seus atos de grande valor. Assim, as crianças aprendem a distinguir a coragem moral da cora-

gem física. Depois, as situações se tornam mais provocantes: por exemplo, em uma discussão, atacar alguém que julgamos ter uma idéia errada; arriscar tomar parte em atos de violência na escola ou na rua; jogar-se de uma altura de cem metros preso a uma corda elástica amarrada na perna; ou partir sozinho, de mochila, para a Austrália...

Os jovens querem determinar quais são seus limites, dominar o instinto que os impele a fugir, ou seja, a levantar o desafio e, pela vontade, vencer o medo da existência ou o medo de ter de expressar suas convicções. Isso lhes dá autoconfiança e a percepção de sua força. Resulta daí que corajosamente olharão de frente qualquer situação e abandonarão facilmente caminhos já percorridos. Às vezes é a indignação que sustenta a coragem e que impele a combater a injustiça; por exemplo, passar para a ação e, em casos extremos, procurar unir-se a um grupo decidido a fazer uma guerrilha e defender pela violência os oprimidos desta terra. Essa coragem vai até o desprezo pela morte. No entanto, a força assim adquirida pode suscitar orgulho, arrogância, crueldade e outros abusos de poder.

Quem tem coragem de considerar honestamente o conceito de amor universal só pode concluir: essa espécie de coragem não resolve, e jamais resolveu, o problema da injustiça neste mundo. Lao Tsé disse: *As melhores armas são instrumentos de infelicidade. Aquele que possui Tao, portanto, não se preocupa com isso*. Porém, para o idealista

que está no impasse, já não é mais possível deixar covardemente tudo acontecer. É preciso que ele aja: o homem não é chamado a ser guardião de seus irmãos? Em seus comentários sobre o *Tao Te King*, J. van Rijckenborgh diz: *O único meio de ajudar a humanidade é na aplicação mais radical da força do amor universal. Esse amor divino, o amor que está acima de tudo, pode nascer naquele cuja alma é liberta.*

O que isso significa? Primeiramente, que há uma possibilidade de auxiliar o homem de maneira absoluta; em segundo lugar, que é preciso ter uma alma liberta. Poderíamos expressar essa idéia com as palavras: *estar no mundo, mas não ser mais do mundo*. Será isso possível? Supondo que alguém escolha esse rumo, que queira alcançar esse estado, uma coisa é certa: para isso é preciso coragem, mas uma espécie de coragem pouco comum. É preciso, de início, ousar examinar todas as ligações que retêm o eu e o mantém preso a este mundo. É preciso, portanto, adquirir um rigoroso autoconhecimento para, em seguida, usar o machado de modo radical e renunciar a todo ego-centrismo. Na Bíblia é dito a respeito daquele que domina semelhante medo: *Aquele que vence a si mesmo é mais forte do que aquele que conquista uma cidade*. E no budismo: *O sábio não tem nenhum medo*.

Esse processo é uma penosa luta interior que exige uma coragem formidável. De fato, ver cada vez melhor e compreender quem somos traz muitas desilusões, e o desânimo pode ser tão grande que caímos no desespero dizendo a nós mesmo: *Não conseguirei. Não, não conseguirei me tornar uma alma liberta capaz de pôr em prática o amor universal*. Em *Os versos áureos*,

Pitágoras dá o seguinte conselho: *Se não tens coragem, toma, contudo, coragem*. Quando a força da vontade já não pode dar coragem porque o eu foi neutralizado, é possível haurir coragem no coração renovado pela Alma. Já não se trata da coragem do eu, mas da modestia, da humildade ou auto-rendição à força do amor universal. É assim que a nova alma cresce e que, graças a um comportamento verdadeiramente puro, podemos liberar uma corrente de amor contínua.

“BEM-AVENTURADOS OS MANSOS”

O que segue é inspirado nas três primeiras bem-aventuranças do Sermão da Montanha relatadas no Evangelho de Mateus. A primeira é assim concebida: *Bem-aventurados os pobres em espírito pois deles é o Reino dos Céus*. Trata-se de seres humanos que, após terem corajosamente combatido neste mundo, se afastam dele, consternados, pois se dão conta de que são realmente “pobres em espírito”. São aqueles aos quais se refere J. van Rijckenborgh em *O Mistério das bem-aventuranças*: *Tendo experimentado tudo no terreno das experiências e tentativas humanitárias, alguns chegaram à conclusão de que eram habitantes de Éfeso, ou seja, sujeitos às limitações de uma bondade que a cada momento pode se transformar em seu contrário, pois o humanitarismo é a bondade organizada que persegue o mal, sem jamais alcançá-lo. O humanitarismo tenta neutralizar o mal; ora, ao longo dos séculos, em sua corrida na natureza dialética, ele está atrasado em muitas voltas.*

Encontrar-se em tal impasse traz profundo desespero de alma, até que se reconheça estar “desprovido de es-

pírito”. Essa humildade, que nos faz ver nossa fraqueza e nossa impotência, é a condição necessária para sentir o chamado do amor universal. Pensamos aqui no oitavo cântico de arrependimento da Pistis Sophia, do qual J. van Rijckenborgh diz: *Ela renuncia a todas as afirmações de sua personalidade até os recônditos mais afastados do bem. Ela se entrega e engaja-se no período da humildade. Ela tem a coragem de aceitar o não-agir com a prece: ‘Lembra-te de mim, segundo tua graça e em nome de tua bondade, ó Senhor.’ Assim ela realiza o maior ato que poderia executar segundo seu estado natural, em relação à Gnosis.*

A segunda bem-aventurança é a seguinte: *Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados.* Trata-se aqui da aflição do coração e da alma dilacerada pelo imenso sofrimento do mundo e da humanidade. O idealista que chegou ao impasse está profundamente aflito e cheio de piedade no mais íntimo de seu ser. Então, a Luz responde a ele e envia-lhe o consolo que a compreensão representa: saber como se preparar para poder verdadeiramente trazer seu auxílio à humanidade. A consolação é grande quando se compreende que o caminho da libertação da alma é acessível e que a alma liberta pode pôr em prática o amor universal.

A terceira bem-aventurança é a seguinte: *Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a terra.* Quando alguém se ligou à força do amor universal, recebe igualmente a força para trabalhar com a luz do amor e estabelecê-la na natureza. A única chave necessária é a bondade. Deixemos mais uma vez falar J. van Rijckenborgh tal como ele se dirige a seus alunos: *Mansidão é a coragem absoluta que nada força nem,*

aliás, poderia fazê-lo, em virtude do estado de ser interior do aluno que se apóia sobre duas colunas. A primeira é a ligação com o Reino, e a segunda é a força para executar o trabalho. Esta dupla graça divina deve ser estabelecida na natureza com doçura, e com ela a grande vitória deve ser alcançada.

A coragem segundo a natureza sempre tem algo de forçado. Frequentemente ela é a expressão de um instinto, de uma paixão. Agindo sob o seu impulso, tem-se sempre o aspecto de um assaltante. A coragem segundo a natureza sempre fere; ela dilacera ou destrói. Mas a coragem nascida da ordem espiritual de Jesus Cristo é o efeito de um novo equilíbrio da vontade.

O manso não anseia pelo êxito imediato e retumbante. Ele sabe que o brilho de semelhante êxito é passageiro. O manso não se desencoraja diante de um trabalho sem resultado aparente, nem mesmo quando o seu campo de trabalho é envolvido pelas forças satânicas do desentendimento. Por detrás de tudo isso, ele vê a consecução final do seu objetivo brilhando como um sol que nunca se põe. [...] Em nome da Eternidade, o manso brilha no tempo como uma luz suave e calma; e a consolação crística é o combustível que não cessa de afluir para ele com regularidade constante.

FONTES

RIJCKENBORGH, J.V., *A Gnosis chinesa*, Editora Rosacruz. (No prelo);

RIJCKENBORGH, J.V., *O mistério das bem-aventuranças*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1983.

RIJCKENBORGH, J.V., *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*, Editora Rosacruz (no prelo), cap. 4,6.

PITÁGORAS, *Os versos áureos*.

AMPLIAÇÃO E APROFUNDAMENTO DA INFRA-ESTRUTURA

É de costume que a primeira Pentagrama do ano dê um apanhado geral das atividades da Escola Internacional da Rosacruz Áurea no conjunto de seus campos de trabalho. Ela atua agora em 47 países. Num ano, a ênfase é dada à construção e à abertura de novos núcleos e Centros de Conferências, num outro a preferência é dada às atividades destinadas a atrair a atenção do público. Durante o último ano, a Escola Espiritual se esforçou especialmente por tornar conhecida sua obra mundial, organizando simpósios, ciclos de palestras, exposições, concertos e representações teatrais, a fim de dar aos pesquisadores interessados uma idéia da meta seguida pelos seus alunos e do seu modo de vida.



“QUEM PESQUISA PODE SE
TORNAR UM ROSACRUZ”
(Jornal de Sofia, Bulgária)

Cento e cinquenta alunos búlgaros e oitenta e cinco convidados vindos da Alemanha, da Holanda, da Croácia e da Sérvia se encontraram sexta-feira, dia 28 de novembro de 2003, em Lyulin-Sofia, para a inauguração do primeiro Centro de Conferências da Bulgária. Depois que um pequeno grupo de interessados recebeu sua primeira carta de contato, em 1997, seu número foi crescendo, em Sofia, a capital, em Burgas e Varna, no Mar Negro, na Silésia, no nordeste, e na Slavônia, em Stara Zorga, no centro da Bulgária. A primeira Conferência de Renovação

aconteceu em 1998 e, em 2001, os alunos adquiriram um hotel ainda não acabado. Dois anos de trabalhos ininterruptos transformaram milagrosamente essa construção em um Centro de Conferências adequado ao trabalho internacional do Lectorium Rosicrucianum. Três andares são destinados aos serviços templários, às palestras públicas e às atividades de núcleo. No quarto andar encontra-se um dormitório para os alunos que vêm de longe.

Se o trabalho espiritual se desenvolve tão rapidamente na Bulgária é devido sobretudo ao grande impulso gnóstico dos bogomilos (literalmente “os amigos de Deus”). Naquela época essa região era considerada como a porta



Inauguração em Sofia, Bulgária.
Foto Pentagrama.
Abaixo: Jornal búlgaro: “Quem pesquisa pode se tornar um rosacruz.”



27 ноември. Времето на Ордена на розенкройцерите в жк Люлин вече е готов за тържества си спреди.

В жк Люлин откриват храм на Кръста и розата

Само търсещият човек е важен за розенкройцерите

НЮТОН, ГЪТЕ И ПЕТЪР ДЪНОВ СА БИЛИ В ОРДЕНА

Над 120 чуждестранни гости и духовници ще отворят в петък вечерта духовен център на Ордена на розенкройцерите в жк Люлин-6.

Това е първата куплена сграда на аналитично духовно учение у нас и от Германия протестантските евангелистически църкви Алберт и Грегори Вилхелм.

Сградата на центъра е аналитична от астрални от паметната гора, близо до Западен парк.

Българската школа на Златния розенкройц е създадена през 1996 г. и броят на последователите й расте. От януари започва първият трансестетичен курс, който ще се провежда всяка събота в центъра.

Учениците на розенкройцерите са около 3000 г. по дн. в Ордена Р.

Резултат е в Швейцария. Говорят от официалната държава, розенкройцерите са спиритисти, констатира, че припоказват световнознание.

Ней-протести ученици на тези курс стават християнска школа, от Нова Невина, Келнер, Фридрих Байер, от Нил Волфганг Гутел, немски Петър Дънов.

pela qual o chamado da Gnosis podia tocar a Europa. Onde a Luz brilhou uma vez, para lá ela retorna. A Bulgária é a antiga Trácia, o país dos mistérios de Dionísio e de Orfeu. A palavra Trácia significa “espaço etérico”, e também “firmamento”. Para Platão e

seus discípulos, a Trácia “era o país da pura doutrina e das santas lendas”. A Bulgária era também o país dos paulicianos e do messianismo, movimentos que atuaram nos primeiros séculos do cristianismo gnóstico. Na Idade Média, os bogomilos retomaram o

archote e o passaram, em seguida, aos cátaros. No século XX, o mestre espiritual Peter Deunov (1864-1944) atraiu aproximadamente quarenta mil alunos, cuja intenção era de viver segundo o impulso gnóstico. Ele morreu uma hora antes que a polícia secreta da Rússia o detivesse. No relatório da polícia constava esta frase dele: *Meus alunos estão neste mundo, mas não são deste mundo.*

Em sua alocução inaugural, o Sr. G. Friedrich, membro do Presidium, declarou: *Pelo que vivemos em conjunto esta noite, o mistério de Dionísio-Orfeu-Cristo se liga novamente ao país búlgaro. Uma base é colocada e, pelo trabalho a serviço da Escola Espiritual, um “espaço etérico puro” pôde ser novamente formado para os pesquisadores.*

Em *A pedra do cume* de abril de 1976, J. van Rijckenborgh escreveu sobre o caráter muito peculiar dessa região em *Os mistérios de Orfeu*: *Nós compreendemos que há doze mil anos os mistérios órficos e dionisíacos despertaram para a nova vida milhares de pessoas; ocorreu aí uma reação po-*

derosa e maciça, de tal magnitude, que, mesmo após todos esses séculos, permaneceram mitos e contos extremamente surpreendentes, apesar de estarem misturados com relatos insensatos, deformados pelos que não compreendiam nada disso. Há milhares de anos, essa parte do mundo foi um vasto foco de um toque universal e os povos que habitavam esse grande território vivenciaram essa graça. O Egito, Canaã, a Síria, a Pérsia e o sul dos Bálcãs foram o objeto de uma grandiosa colheita por parte dos santos mistérios da Fraternidade Universal. Podemos dizer que a colheita daquela época contava muito mais do que dez mil almas libertadas para a nova vida.

No decorrer da consagração do templo, o Sr. A.H. van den Brul, da Direção Espiritual Internacional, pronunciou estas palavras: *Na Idade Média a Bulgária era considerada como “fonte de todas as heresias”, o que arrastou a Igreja a perseguições sangrentas. Podemos, no entanto, afirmar que a luz da Gnosis brilha novamente na Bulgária e que o chamado dos Amigos de Deus, nunca foi totalmente apagado. O fato de a chama ter-se perpetuado, apesar da extrema força da contranatureza, é comprovado pela ação de Peter Deunov, que realizou um imenso trabalho preparatório. Citamos dele as seguintes palavras: “Vossa alma é um botão de rosa que aguarda desabrochar. Se vossa consciência se concentra nela, vivereis, então, o instante mais grandioso de vossa vida. Abrirei vossa alma aos raios do sol universal que ilumina o mundo divino.” Pois bem meus amigos! As sementes que foram assim espalhadas na Bulgária, através dos séculos, começaram a germinar. Entramos, meus amigos,*



em um período de forte atividade gnóstica. O Sr. van den Brul terminou sua alocução com esta prece bogomila: Purifica-me, ó meu Deus, purifica meu interior e meu exterior. Purifica Corpo, Alma e Espírito para que em mim cresça a semente de Luz e eu possa me tornar um archote. Possa eu ser minha própria chama para levar para a Luz tudo o que está em mim e ao meu redor.

DIA DE PALESTRAS NO CENTRO J. VAN RIJCKENBORGH

No Centro J. van Rijckenborgh, em Haarlem, três palestras foram realizadas, no domingo 12 de janeiro de 2003, sobre a vida e a obra de J. van Rijckenborgh. O convite para esse animado dia dizia: *Em estreita colaboração com Z.W. Leene e Catharose de Petri, J. van Rijckenborgh fundou a moderna Escola de Mistérios, cujo princípio central é a transfiguração. Ele explicou os mistérios da Rosacruz clássica, que constituem aspectos viventes e indispensáveis da pesquisa atual. O apogeu desse mistério universal é o nascimento, o crescimento e a ressurreição de um novo tipo humano: o homem interior, o homem de Aquário. A Escola da Rosacruz Áurea trabalha em 47 países; e muitos milhares de alunos, como "homens desta natureza", estão diariamente voltados para sua transformação em homens-alma-Espírito.*

RETORNO ÀS FONTES

No Centro de Conferências Renova, em Bilthoven, aconteceu, em maio de 2003, um simpósio com o tema: *Retorno às fontes*. Foi empreendida uma pesquisa sobre as raízes comuns



Programa
do simpósio
*Retorno à
Fonte.*

da Gnosis do cristianismo primitivo, do sufismo e do pensamento gnóstico moderno. As raízes se encontram nos escritos atribuídos a Hermes Trismegisto. O professor G. Quispel falou da filosofia poética e do grande alcance de Valentinus, um dos mais profundos representantes da sabedoria hermética e autor de *O Evangelho da Verdade*. Ele salientou a conexão entre os ensinamentos de Valentinus e os mistérios egípcios.

O professor H. Witteveen mostrou que *a sabedoria hermética enriqueceu profundamente o sufismo*. A influência do hermetismo sobre a religião e a literatura foi maior no Oriente Médio do que no Ocidente, onde os escritos herméticos não foram conhecidos antes dos séculos XIV e XV.

Durante a terceira apresentação, o Sr. J. R. Ritman mostrou as perspectivas do futuro contidas nesses 4500 anos de pensamento hermético. Segundo ele, uma vez atravessada a fronteira do terceiro milênio, defrontamo-nos com um novo desafio: o retorno da Gnosis original e a possibilidade de nosso retorno a ela. A rica tradição hermética responde à pergunta: "Que é o homem e quem é ele?" O aprofundamento interior, em vista de uma



Grupo de jovens alunos no Centro de Conferências Novo Sol, Rio de Janeiro, Brasil.

verdadeira elevação espiritual, exige a formação de uma nova comunidade de homens, uma comunidade original hermética.

ATIVIDADES DOS JOVENS ALUNOS NO BRASIL E NA FRANÇA

Em julho, uma centena de jovens alunos e membros do *staff* foi ao Centro de Conferências do Rio de Janeiro para renová-lo. Eles pintaram a fachada, as grades e embelezaram o jardim.

Jovens alunos que vieram de dezessete países se encontraram no Centro de Conferências La Licorne, no Sul da França, durante um final de semana de conferência européia, em agosto de 2003. Apesar do calor que ultrapassava os 35 graus, esses jovens reformaram os caminhos e os jardins, iniciaram as obras de um local para o armazenamento de água e de uma livraria. Eles cortaram árvores de trinta metros que atrapalhavam o escoamento das águas.

NOVO PRÉDIO EM KOBLENZ, ALEMANHA

Após três anos, o novo núcleo de Koblenz havia se tornado muito pe-

queno. Instalado em 23 de outubro de 1999, a nova construção foi posta em uso no domingo 31 de agosto de 2003. Com uma área de 305 m², o local oferecia suficiente espaço para ampliações futuras. O núcleo está situado na Schlosstrasse, no calçadão do centro da cidade. As numerosas janelas do terceiro andar abrem-se para uma praça tranqüila. O pé direito é alto e as salas são claras e de muito bom gosto. O proprietário do imóvel escreveu: *Sem exagerar, podemos dizer que algo de espiritual se tornou aqui visível e tangível. Como especialista, admiro os acabamentos em todos os seus detalhes.* Esse grupo dispõe agora de suficiente espaço para as conferências, as diversas reuniões, as exposições e os intercâmbios.

REUNIÃO DE MÉDICOS E DE TERAPEUTAS VINDOS DE DOZE PAÍSES

Cento e sessenta participantes estavam presentes numa reunião internacional de médicos, no final de semana de 31 de agosto de 2003, no Centro de Conferência Christianopolis, em Birnbach. O tema escolhido era: Fun-



Núcleo de Koblenz, Alemanha.

ções fisiológica e espiritual do coração. Após um relatório dos desenvolvimentos e resultados dos cinco últimos anos, em quatro línguas, a Sra. Hamelink-Leene concluiu: *É preciso compreender bem que em todo o vosso trabalho é a força da intuição divina que inspirará a compreensão necessária para vossa ação. A força de Bethesda é alimentada e mantida de múltiplas maneiras. Saibam que a força colocada à disposição do doente que está voltado para ela é absolutamente impessoal.*

O VIGÉSIMO QUINTO ANIVERSÁRIO DO LAR CATHAROSE DE PETRI

Dia 9 de setembro de 1978 foi consagrado o primeiro templo no que foi o Grande Hotel de Caux, depois o Hotel Regina. No dia 22 de janeiro de 1989 aconteceu a consagração do templo atual, o sétimo Grande Templo do trabalho gnóstico. Anteriormente, as Conferências de Renovação ocorriam em Zurique.

Entre as duas guerras, esse hotel era considerado o mais amplo e confortável da Suíça. Durante sua construção chegava-se a ele por uma trilha por onde subiam burrinhos carregados de materiais de construção. A rainha Elizabeth da Inglaterra ficou nesse hotel quando pequena, e a imperatriz da Áustria, Sissi, tinha aí sua residência. Em 1899 foram acrescentados um andar e duas torres. O hotel tem 400 quartos e salas. Em 1947, ele foi comprado pela União do Rearmamento Moral e, em 1978, pelo Lectorium Rosicrucianum. Por causa do estado deteriorado e da meta almejada, foi necessário realizar reformas indispensáveis: foram restaurados o telhado, o elevador, as



fachadas, escadarias, quartos e corredores, bem como o aquecimento central. Foi construído um galpão subterrâneo utilizado como garagem. Novos projetos relacionados com os sanitários e o aquecimento são difíceis de serem bem resolvidos.

Muito rapidamente o primeiro templo, provisório, revelou-se muito pequeno e foram feitas plantas para o conjunto templário exterior ao prédio principal. Essa magnífica construção foi consagrada dia 22 de janeiro 1989 por Catharose de Petri.

NO CAMPO DE TRABALHO BRASILEIRO

Com a unificação nacional dos temas das palestras, o Trabalho Público brasileiro tomou um novo impulso. Em muitas cidades palestras foram realizadas, também fora do âmbito da Escola. Em 2003, novas salas de contato foram instaladas em Jundiá e Ribeirão Preto. Em Goiânia, Salvador e num lindo local na Vila Madalena em São Paulo, as palestras das quartas-feiras foram iniciadas.

Graças ao empenho e à unidade de grupo dos alunos de Patos de Minas, a doações e ao financiamento da fundação internacional, foi possível com-

Centro de
Conferências Foyer
Catharose de Petri,
Caux, Suíça.



Núcleo de Bonn,
Alemanha.



AMPLIAÇÃO DO NÚCLEO DE BONN, ALEMANHA

Durante um ano, os alunos do Núcleo de Bonn não pararam de construir e de pintar, para tornar seu núcleo compatível com sua missão. O antigo prédio havia se tornado pequeno. Em nove anos de atividade, o número de alunos aumentou cinquenta por cento. Dia 21 de setembro de 2003, o novo núcleo abriu suas portas no Hohe Strass, de acesso fácil. Os cerca de duzentos convidados que vieram para a inauguração ficaram um pouco apertados na nova oficina templária, que só conta com cento e sessenta lugares sentados.

RECONSTRUÇÃO DO NÚCLEO DE MILÃO, ITÁLIA

Em Milão, a primeira palestra pública do Lectorium Rosicrucianum ocorreu em setembro de 1981 e em dezembro de 1983 foi aí consagrado o primeiro núcleo da Itália. Em 1989, um novo núcleo foi adquirido nessa

prazo um terreno de aproximadamente dez mil metros quadrados para a Escola. Dessa forma, a área templária está agora protegida tanto na parte posterior como na lateral.

A mesma dedicação ocorre em Vitória, onde os alunos se empenham na reforma da futura sede do Núcleo de Vitória, para inaugurá-lo em 2004.

Também em Manaus os alunos trabalham ativamente para a transformação de sua sala de contato em Núcleo de Manaus.

O templo de Lorena, inaugurado em 2002, teve sua fachada e a varanda de 160 m² terminadas.

Para os obreiros de Fortaleza, 2003 foi muito dinâmico, com muitas viagens a Maceió, Teresina, Recife e João Pessoa, com a realização de palestras, serviços templários e atividades da mocidade.



Convite para a
inauguração do
Núcleo de Milão,
Itália.



cidade e adaptado, tendo em vista as Conferências de Renovação que aconteceram ali até 1995. Depois disso, La Nuova Arca, em Dovadola, tornou-se o Centro de Conferências Nacional. Como o núcleo de Milão ficou, então, muito grande, buscou-se um novo local e, em 25 de setembro de 2003, os alunos italianos, e em especial os de Milão, abriram as portas do lindo novo núcleo.

“É PRECISO PEDRAS VIVAS PARA CONSTRUIR O TEMPLO”

Esta divisa presidiu a celebração dos dez anos de existência do núcleo de Eindhoven, na Dierenriemstraat, no dia 16 de setembro de 2003. Muitos alunos e membros da Escola assim como “os construtores da primeira hora” se encontraram em torno de um bufê frio para fazer uma retrospectiva do passado e lançar um olhar no futuro. No domingo 21 de setembro houve outra festividade para a qual foram convidados todos os habitantes do bairro.

O trabalho de Eindhoven começou no dia 9 de setembro de 1979 em uma antiga fábrica situada na Kleine Berg, onde foi realizado um dos desejos mais explícitos de J. van Rijckenborgh. Ele considerava a região de Brabant como

uma cabeça-de-ponte para a difusão da Escola Espiritual em direção ao sul.

Jardim do núcleo de Eindhoven, Holanda.

AQUISIÇÃO DE UM CENTRO DE CONFERÊNCIAS EM ORISTANO, SARDENHA

Em setembro de 1997, os alunos da Sardenha haviam alugado uma construção modesta, em Oristano, para evitar fazer a cada vez a longa viagem até o Centro de Conferência *La Nuova Arca*, em Dovadola. Um pequeno templo foi aí consagrado para Conferências locais, mas faltavam dormitórios. Então, esse pequeno núcleo foi comprado e totalmente reformado.

“EM TUA LUZ CONTEMPLAMOS A LUZ”

No Centro de Conferências Renova, aproximadamente quatrocentos e

Alojamentos em Oristano, Sardenha.



No livro de Fludd, *Summum Bonum* (1629) (*O Bem supremo*), aparece uma representação da Rosacruz sob a forma de uma rosa com sete vezes sete pétalas, cercada de colméias e teias de aranha. Uma abelha está sobre uma rosa, uma outra voa em direção a ela. No fundo, à direita, encontram-se quatro colméias cercadas de abelhas, à esquerda uma cerca coberta de teias de aranha. Essa ilustração tem por legenda: “A rosa dá seu mel às abelhas”. A rosa representa a força e a sabedoria da Rosacruz. A abelha simboliza o zelo. Ela deposita o mel na colméia, onde se alimenta quando os tempos são difíceis. As operárias trabalham para sua rainha. Elas sacrificam sua vida para as próximas gerações. É possível ver aí a imagem de uma meta sublime.

O inverso da abelha é a aranha. Esta tece sua teia como a abelha forma os raios de sua colméia. Ela não a tece para acumular o doce mel da rosa, mas para sugar até a morte os insetos capturados. O que a aranha produz é um veneno mortal, enquanto a abelha elabora a vida nova.



redação de comentários e à defesa da Fraternidade da Rosacruz. Em todas as suas publicações, ele se destacava por um conhecimento enciclopédico sobre as leis do macrocosmo e do microcosmo. Uma projeção de slides mostrou claramente até que ponto sua visão das coisas era justa e universal e quanto sua obra e seu engajamento contribuíram para a transmissão da sabedoria, muitas vezes incompreendida, da Rosacruz.

UM TEMPLO PROVISÓRIO EM MELBOURNE, AUSTRÁLIA

Os alunos da Austrália alugaram um pequeno espaço para servir de templo e fazer nele Conferências de Renovação.

DANTE E A TORRE DE BABEL

Em Graz, capital cultural da Europa 2003, houve uma bela representação teatral sobre o tema da Torre de Babel. Ao mesmo tempo, os alunos austríacos organizaram uma projeção de slides sobre *A divina comédia*. Essas duas manifestações estavam em perfeita harmonia entre si. Pode-se conjecturar se a forma em espiral da torre,

A torre de Babel.
Athanasius
Kircher,
Amsterdam, 1679.

cinquenta convidados assistiram, em novembro, a um simpósio sobre Robert Fludd (1574-1637), também conhecido como *De Fluctibus*, o defensor da herança hermética dos rosacruzes clássicos. Fludd consagrou uma grande parte de sua vida à



Alojamentos
em Melbourne,
Austrália.

que aparece em ilustrações dos séculos XV, XVI e XVII não corresponde à dupla espiral do Inferno e do Purgatório de *A divina comédia de Dante*. A relação tornou-se flagrante graças aos slides e aos comentários que foram acompanhados com grande atenção.

NOVOS DESENVOLVIMENTOS NOS BÁLCÃS

Neste último ano foram inaugurados dois núcleos: em Maribor e em Belgrado. O número de alunos e de interessados está crescendo rapidamente e planos para novas ampliações estão sendo desenvolvidos. Estão sendo preparados uma nova oficina templária e dormitórios.

KOSZALIN, QUARTO NÚCLEO NA POLÔNIA

Oito de janeiro de 2004: os 35 alunos do norte da Polônia possuem finalmente um núcleo. Ele está situado em Koszalin, no mar Báltico, entre Szczecin e Gdansk. Como a maioria pertencia ao núcleo de Vroclav, precisavam viajar 415 km para assistir às reuniões e aos serviços templários. Sua alegria com esse novo local moderno e iluminado é grande. À consagração por membros da Direção Espiritual Internacional, assistiam o Presidium e alunos dos três outros núcleos poloneses. Havia um magnífico bufê nesse dia, assim como na véspera, dia de “portas abertas”, no decorrer do qual muitos convidados, entre os quais representantes das autoridades locais, vizinhos, família e amigos dos alunos se beneficiaram de palestras sobre a Escola Espiritual e sobre as tradições gnósticas da Polônia. Para encerrar esse dia, um aluno polonês deu um concerto dedicado à música de Chopin.

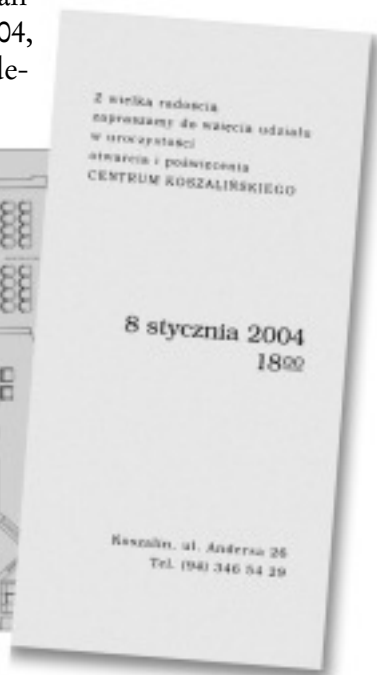
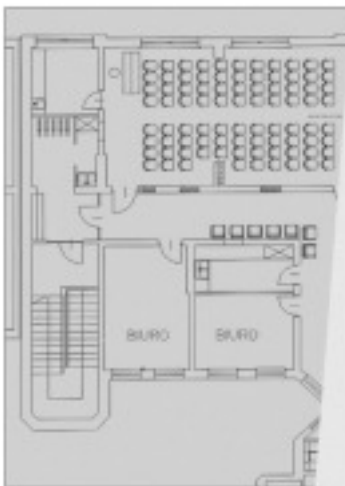


INAUGURAÇÃO DO NÚCLEO DE RENNES, FRANÇA

O novo núcleo
de Rennes,
França.

Rennes tem agora um belíssimo núcleo, cercado por um amplo jardim. No dia 24 de junho de 2000 foi desativado o núcleo da rua Vasselot. Em novembro de 1999, os alunos haviam adquirido um terreno e começaram a traçar planos. Em forma de Pentagrama, o templo previsto para 50 pessoas, com possibilidade de expansão para conter 80, ocupa agora o coração do prédio. À consagração dessa oficina de trabalho no oeste da França, dia 3 de janeiro 2004, assistiram alunos holandeses, suíços e franceses.

Planta do
Núcleo de
Koszalin,
Polônia.



A MÚSICA DAS ESFERAS

Todos já provaram a grande influência da música, que tanto pode ser sublime quanto diabólica. Ela também é tanto capaz de inspirar a paz ou a alegria quanto de deixar depressivo. A música de base caótica perturba a alma.

Em nós e ao nosso redor, o barulho não cessa, e sons de diferentes forças e alturas escapam à nossa consciência. Nós estamos habituados a eles. O correr da água, o canto de um pássaro, sons de passos, o tilintar do vidro, o ranger de uma porta, o ronco dos motores, a voz humana, todos esses ruídos formam o pano de fundo de nossa vida diária. O silêncio também ressoa, mesmo que a vibração seja totalmente diferente. O cosmo tem igualmente uma certa sonoridade; o universo inteiro emite um hino à alegria, mas nosso ouvido não está em condição de percebê-lo.

O cosmo está sujeito à lei da harmonia. Conscientemente ou não, todas as criaturas sentem que há uma relação entre sua vida e a dos deuses. Desde o remoto passado tudo mostra ao homem que romper a harmonia dessa troca entristece o céu e irrita os deuses. É por isso que as vibrações emitidas pelas criaturas devem corresponder às da criação.

Os sons, entre si, estão na mesma relação que as forças. O acorde harmonioso dos sons age de modo potente e positivo; as dissonâncias perturbam e destroem. Em *A doutrina*

secreta, H.P.Blavatsky escreveu: Pitágoras considerava a Divindade, o Logos, como o centro da unidade e a fonte da harmonia [...] Por essa razão, esperava-se dos candidatos que estudassem aritmética, astronomia, geometria e música como preparação à sua admissão aos Mistérios [...] Os pitagóricos afirmavam que o mundo foi formado, a partir do caos, por sons ordenados segundo uma certa harmonia, segundo as leis das relações musicais, que os sete planetas evoluíam em harmonia e que o valor dos intervalos entre os diferentes sons musicais, que determinam seu acorde, produz a harmonia perfeita, uma música na qual a sublimidade nos é inaudível pois nossos ouvidos não estão adaptados a ela.

Pitágoras considerava a música como sons em movimento, entrecortados ou ininterruptos. Esses sons se ajustam segundo o tom e o modo. Os intervalos estão em relação com o desenvolvimento espiritual dos seres humanos e com a harmonia do cosmo. Para Pitágoras, a distância da Terra à Lua representa um tom. Da Lua a Mercúrio e de Mercúrio a Vênus há um semitom; de Vênus ao Sol, um tom e meio; do Sol a Marte, um tom; de Marte a Júpiter e de Júpiter a Saturno, um semitom; e de Saturno ao Zodíaco, um tom e meio. Esses tons formam juntos uma oitava, base da harmonia universal.

Na Grécia antiga, a música e os deuses estavam em estreita ligação. Apolo trazia uma lira como símbolo de sua

Um dia, o sátiro Marsias, que simboliza a humanidade – metade animal, metade deus – encontrou uma flauta enviada por Atenas. Ele começou a tocar e decidiu imediatamente que nada o impediria de se equiparar a Apolo. Sua audácia foi duramente punida, pois ninguém pode sobrepujar Deus e sua música. Orfeu, que com sua melodia subjugava homens e animais, personificava o ser que compreende a harmonia divina. Seus poderes espirituais eram tão grandes que mesmo os espíritos infernais se calavam para ouvi-lo. Ele podia atravessar os infernos porque se fazia acompanhar de sonoridades divinas e estava destituído de medo.

Deus, criador desconhecido do universo, imprimiu nos átomos mate-

[illegible]

A música das esferas.
Ilustração de Robert
Fludd em *Utriusque
Cosmi*, 1617.

Pitágoras demonstra seu ensinamento musical. Gravura em madeira em *Theorica musica* de F. Gaffario, Milão, 1492.

gurando da natureza úmida, fogo sutil, impetuoso e poderoso.

No “estrato terrestre dos arquétipos” (J.v. Rijckenborgh, , *O advento do novo homem*, São Paulo, cap. 8) encontram-se os arquétipos de todas as criaturas. Cada arquétipo vibra e emite um som que lhe é próprio. Os átomos que o arquétipo atrai se agrupam segundo essa vibração e constituem uma forma que lhes é particular, de acordo com o plano vivente e vibrante de Deus relativo a cada ser humano. É pelo arquétipo que podemos sentir a harmonia divina e nos manifestar verdadeiramente.

CADA CRIATURA POSSUI SUA
PRÓPRIA NOTA FUNDAMENTAL



Anteriormente comparamos o ser humano com um instrumento musical. Ele não está consciente disso porque esse instrumento está em tão mau estado que não pode produzir a justa sonoridade da harmonia divina. No cérebro encontram-se sete cavidades repletas de éteres, cada uma emitindo uma entonação de acordo com os tons da gama sétupla. E cada ser humano possui sua própria nota fundamental.

Todas essas modulações têm uma tarefa a cumprir, de acordo com seu lugar no plano divino. Quando as cavidades cerebrais estão preenchidas de éteres terrestres, elas não estão em condição de reagir ao chamado do campo de vida original. O fogo serpentino que, para continuar a analogia, pode ser considerado como o diapasão pessoal de cada um, não emite a pura sonoridade e cada ser humano faz soar uma nota falsa. Se ele não pode soar de acordo com a harmonia divina, não pode fazer outra coisa senão se manifestar em dissonância e, para ele, uma vida superior está fora de questão. Entretanto, sua reminiscência lembra-o de que seu ser ressoava, antigamente, de acordo com a harmonia das esferas. Podemos considerar a música em geral como uma reação a essa reminiscência.

PITÁGORAS COMEÇAVA O
DIA COM MÚSICA

Porfírio, o biógrafo de Pitágoras, conta que este último começava seus cursos tocando a lira e cantando antigas melodias, a fim de fazer esquecer as mágoas, acalmar a irritação e apaziguar as paixões, e também para reverenciar os deuses. As sonoridades

harmoniosas agem direta e positivamente sobre os éteres, concorrendo para o justo acorde das sete notas do sistema de cada indivíduo e atraindo as forças correspondentes. Encontramos as mesmas práticas nas religiões de todos os povos, há séculos.

Como as condições etéricas são específicas para cada raça, os instrumentos e formas musicais são diferentes. Em certas regiões domina o ritmo, em outras, a melodia. Cada povo tem sua própria música, mas isso não quer dizer que ela esteja de acordo com a harmonia divina e que tenha efeitos positivos.

É POSSÍVEL RETORNAR À HARMONIA ORIGINAL?

A vida divina está sempre minimamente presente no ser humano como centelha provinda do domínio original. Podemos reanimar e inflamar novamente essa centelha se, como um instrumento musical, nos ajustamos à harmonia divina. Então voltamos a nos ligar à força de Cristo, cuja nota fundamental é o amor divino. Podemos visualizar isso como uma corda que vibra continuamente, embora, evidentemente, no início esse ainda não seja o caso. Esse processo de vibração em acorde perfeito acompanha a transmutação de todo o ser a fim de que surja uma nova consciência, uma consciência gnóstica. Então poderá ser dito que o homem voltou a se tornar um instrumento musical que participa da harmonia original das esferas. J.van Rijckenborgh descreve esse processo no primeiro tomo de *A Arquignosis egípcia*, São Paulo, 1984, p.21: *Quando a consciência hermética*

É possível que um compositor ou musicista abençoado pela Gnosis possa servir como ponto focal para as irradiações que emanam da harmonia das esferas, dos núcleos da melodia primordial sétupla. Por isso, através de gênio musical, cada tom pode ser emitido em toda sua pureza, porém – digamo-lo francamente – a esfera divina dificilmente se deixa circunscrever. Para poder julgar se toda a plenitude gnóstica está refletida neste ou naquele repertório musical clássico elevado, seria necessário, no mínimo, conhecer o conteúdo de toda a plenitude gnóstica.

(Trecho tirado de *Cartas*, Catharose de Petri, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987)

dirige-se ao Espírito e desse modo o espírito-fogo acende-se, no foco do encontro forma-se uma estrutura luminosa de linhas de força (como em uma flama – red.). É então que o homem hermético encontra Pimandro. E dessa estrutura de linhas de força que assim se formou flui uma vibração para o interior do homem hermético. Esta vibração tem um som e uma cor, os quais estão em perfeita harmonia com o propósito do homem hermético de elevar-se ao Campo do Espírito. E, deste modo, esta manifestação, este encontro, adquire uma característica muito especial. Só deste modo é que Deus fala ao homem. Este é o encontrar e ouvir o Nome Inefável.

O PROFETA

Alexandre Puchkin (1799-1837)

*Em busca do Espírito
avançava penosamente nas areias
de solidões desérticas.
Alcancei a extremidade de meu país.
Um anjo, guarnecido de seis asas,
ergueu-se diante de mim.*

*Com as pontas de seus finos dedos de luz,
ele tocou meus olhos;
minha vista turvou-se como num sonho
e, repentinamente, por um novo dom,
minha consciência iluminou-se.*

*Mal o anjo roçara-me os ouvidos,
um oceano de clamores de abalar os céus
engoliu-me, e eu pude, desde então, ouvir
o elevado vôo dos anjos no firmamento,
o lamento das criaturas ancoradas
nos abismos escuros,
como o longínquo vibrar de sarmentos
carregados de promessas.*

*Depois, inclinando-se sobre mim,
ele arrancou minha língua ímpia,
abundante fonte de malícia,
de impostura e de orgulho,
infligindo-me um horrível ferimento.
Com sua destra ensangüentada,
ele enfiou em minha boca moribunda
o aguilhão da sabedoria.*

*Com um golpe de seu gládio cortante,
ele abriu-me o peito e
empunhou meu coração todo palpitante
antes de depositar em meu seio
uma centelha do fogo divino.
Meu corpo jazia, morto, no deserto.*

*Ouvi, então, a voz de Deus ressoar:
“Levanta-te, profeta, levanta-te e vê.
Põe-te a caminho. Percorre as terras e os mares.
Anuncia minha Palavra aos corações dos homens.”*
(Tradução Pentagrama)

O profeta. Bronze de Pablo Cargallo, 1933.

À direita: Serafim de seis asas, cada uma representando uma virtude.
Pintura sobre pergaminho. Bibliothèque de l’Arsenal, Paris.





NIKOLAI BERDIAIEV – O FILÓSOFO DA LIBERDADE

Nikolai Berdiaiev, nascido em 6 de março de 1874, em Kiev, foi um dos pensadores russos mais incisivos e radicais. Ele era tido como o Filósofo da Liberdade. A liberdade era a fonte de seu pensar, de sua inquietude e de sua perseverança. Em função de seu indefectível amor à liberdade ele se tornou um pensador radical. A Rússia dos tzares o exilou e a dos comunistas o expulsou.

Apesar de tudo, sua ligação com a igreja ortodoxa russa sempre permaneceu profunda. A igreja não sabia se deveria aceitá-lo como “filho crente” ou bani-lo como “herege”. Da Alemanha, onde fundou em Berlim uma academia filosófico-religiosa, ele chegou à França, onde veio a falecer em 1948. Ele se tornou mundialmente conhecido por seus muitos livros traduzidos em vários idiomas. Hoje, exatamente na Rússia, esses livros experimentam um renascimento através de reedições. Sua interpretação da liberdade foi o resultado de seu profundo autoconhecimento e de suas análises sobre o sentido da existência humana. Ele escreve: *Liberdade pressupõe a existência de um princípio espiritual que não é determinado pela natureza nem pela sociedade. Liberdade é um princípio espiritual no ser humano. Quando o ser humano é totalmente dominado pela natureza e pela sociedade nenhuma liberdade é possível.*

Em seu livro *Autoconhecimento* Berdiaiev escreve: “*Eu te amo, oh eterni-*

O saber é necessário para nos defendermos das potestades negativas da natureza. Não somente um saber mecânico, qual um escudo técnico, mas também um saber da vida interna do cosmos, da estrutura interna do mundo. Para esse saber o ser humano precisa estar preparado espiritualmente. Ele deve possuir a mente crística, não a mente natural e racional sobre a qual fala o concílio do vaticano, porém uma mente iluminada. Então o ser humano não corre mais o perigo de ser rasgado em pedaços pelas forças cósmicas e cair no poder dos demônios. A Gnosis crística repousa na aquisição da mente crística, do saber humano-divino em Cristo e através de Cristo.

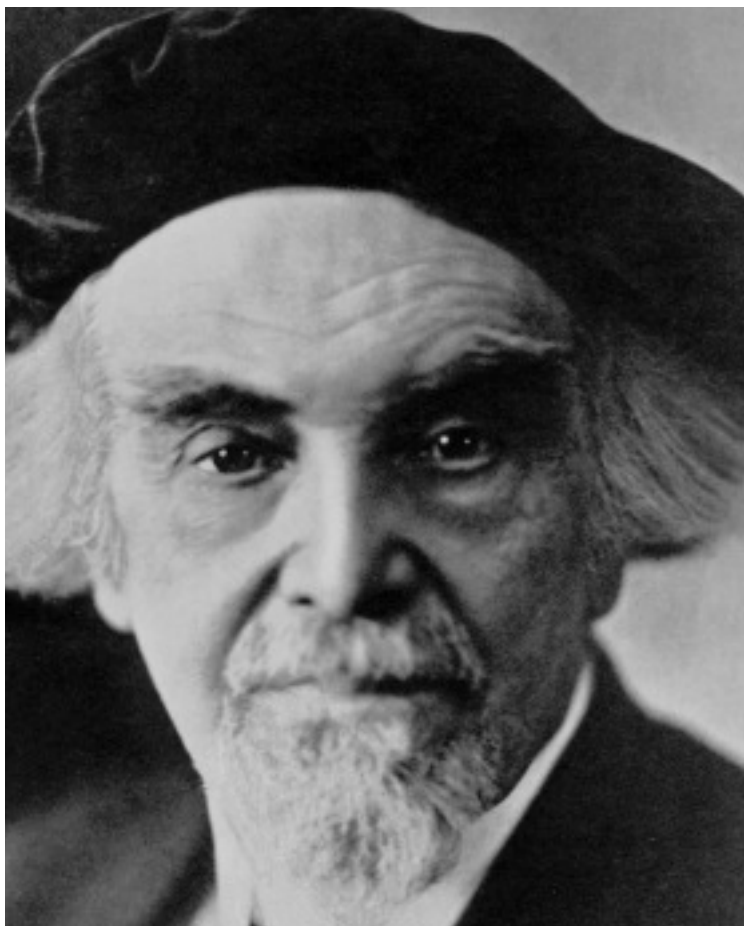
(Do livro: *Liberdade e Espírito*)

dade”, diz Zaratustra. O mesmo eu disse a mim mesmo a vida inteira. A nada podemos amar, senão tão somente à eternidade, e com nenhum outro amor podemos amá-la senão com o amor eterno. Não existindo a eternidade, absolutamente nada existe. O espírito pede pela eternidade. A matéria, porém, somente conhece o temporal. Para Berdiaiev o motivo de toda filosofia não é o ser, mas sim a liberdade. A liberdade, no entanto, provoca sofrimento. Ela é um impulso interior que surge tão logo limitações são impostas. Muitas vezes essa liberdade é um bem natural, simples e evidente,

porém pode também ser um fardo inconveniente que é jogado fora de bom grado na esperança de aliviar o destino. Para Berdiaiev liberdade é uma força de uma totalmente outra dimensão, algo transcendente. Ele escreve: *A liberdade humana consiste no fato de existir fora do reino de César – nosso mundo estruturado pelo poder – o reino do Espírito. A existência de Deus é revelada na existência do espírito no homem. E Deus não se iguala à força da natureza e menos ainda ao poder da sociedade e do Estado.*

Toda a vida de Berdiaiev foi acompanhada de uma forma especial de “tédio doloroso do mundo”. Não era a tristeza de um ser humano que sente falta de algo ou que perdeu algo. Não o afligia a falta de algum bem material terreno específico. Esse “tédio doloroso do mundo” também não era melancolia e nem fruto de seu temperamento. Ele mesmo o denominou como uma saudosa dor pelo transcendente. Essa dor era a constante companhia que estimulava seu desenvolvimento espiritual. Muitas vezes ela se tornava cheia, qual maré, tornava-se forte e mais forte, para então vazar. Essa “dor do mundo” muitas vezes tornava-se muito mais intensa quando ele experimentava momentos de grande felicidade. Exatamente nesses momentos ele se lembrava especialmente do sofrimento da vida. Em *O sentido da História* (1950) ele assim expressa a causa da dor: *Isto é, enfim, a questão entre a relação de tempo e eternidade. Existe como que uma oposição sem trégua entre tempo e eternidade, e nenhuma conexão poderá ser estabelecida entre eles. O tempo é como que a negação da eternidade, um estado que não possui nenhuma raiz na vida eterna.*

Em suas obras, Berdiaiev muitas



Nikolai Alexandrovich Berdiaiev nasceu em Obuchovo (estado de Kiev) em 6 de março de 1874. Sob a influência do filósofo religioso Vladimir Soloviev, ele se ocupou de questões religiosas. Em 1919, fundou a Academia Moscovita Livre para a Cultura Espiritual. Em função de suas “atividades inimigas ao idealismo comunista” foi expulso da União Soviética em 1922, fixando-se em Berlim, onde fundou a Academia de Filosofia das Religiões e teve uma participação considerável na estruturação do Instituto Científico Russo em Berlim. Em 1924, mudou-se para Paris, onde igualmente inaugurou a Academia de Filosofia das Religiões. Faleceu em 23 de março de 1948, em Clamart, Paris.

O filósofo russo
Berdiaiev.

A ciência do mistério da vida cósmica foi proibida pela consciência religiosa. O trabalho dogmático dos professores das igrejas e dos concílios ecumênicos não era gnóstico. Ele consistiu na elaboração de fórmulas para a prática religiosa comum e em um trabalho de refutação das falsas doutrinas.

(Do livro: *Liberdade e Espírito*)

vezes denomina o homem de microcosmo, no qual estão compreendidas estruturas do divino, do terrestre, do humano e do pessoal. Interessavam-lhe o desenvolvimento e o objetivo do homem e a época na qual este vivia. *Nunca me interessou a pesquisa do mundo tal qual ele é, porém o destino do mundo e o meu próprio. A mim interessam, portanto, “a finalidade das coisas”. Minha filosofia não é científica, porém profética e escatológica quanto à sua classificação [...] Trinta anos atrás eu imaginava saber muito mais do que acredito saber hoje, no nível atual de meus conhecimentos [...] Eu principio a saber que nada sei (Autoconhecimento, 1950).* Ele sempre via todas as experiências, consigo mesmo e com as pessoas de sua época, tendo como pano de fundo a evolução até o homem-divino: *Nos homens, um eu inferior e um eu superior muitas vezes me decepcionaram; eu experimentei muitas baixarias, mentiras, armadilhas, dureza de coração, traição, inúmeras decepções nas relações com os seres humanos, e fui eu mesmo o causador e o culpado dessas decepções [...] E mesmo assim eu preservei a fé no plano de Deus com os homens (Autoconhecimento).*

Autoconhecimento é para Berdiaiev o instrumento que permite a viagem para o “imutável”. O *Homem conhece a ti mesmo* é o início de todo pen-

sar filosófico que inicia com o autoco-nhecimento e avança em direção ao conhecimento do homem e do mundo. Ele descreve a essência de seu autoconhecimento da seguinte forma. *Eu descubro o significado de meu pensamento existencial quando compreendo que há dois caminhos: o caminho da objetividade e o da transcendência. No primeiro somos prisioneiros de um poder perfeitamente fantasmagórico e maciço, e no segundo estamos no caminho da transcendência em direção a um mundo transfigurado e liberto, o mundo divino. Não somente o pensamento criativo, porém a paixão criadora e o sentir apaixonado têm de abrir a consciência petrificada e torná-la fluida ao mundo objetivado por ela. Eu pude me manter no mundo sem me apoiar em nada a não ser na busca pela verdade divina (Autoconhecimento).*

Na história, bem como na natureza, existe um ritmo, um desenrolar rítmico de épocas e mudanças de tipos de culturas. Maré e vazante, crescimento e fenecimento, ritmo e periodicidade são parte de toda a vida. Nikolai Berdiaiev descreve em seu livro *O sentido da História* que, com a queda do império romano, a antiga civilização chegou ao final. A seguir, veio a Idade Média, que ele denomina de “período noturno”, na qual as estruturas cristalinhas da Antigüidade foram demolidas. Todos os valores dos quais a humanidade vivia nos períodos culturais anteriores perderam sua validade. O mundo adentrou novamente em um novo “período noturno” com o término da Idade Moderna, no início do século XX: *A contar pelos indícios, nós já ingressamos no período noturno. As falsas aparências cairão, e será revelado o que é bom e o que é mau.* Esse período, porém, também já está sendo impregnado com idéias para o

O aparecimento de Cristo, o deus-homem, é justamente a união perfeita de dois movimentos: de Deus para o homem e do homem para Deus; o nascimento definitivo de Deus no homem e do homem em Deus, a realização do mistério da unidade do dois em um, do mistério da humanidade-divina.

(Do livro: *Liberdade e Espírito*)

tempo vindouro. Idéias antigas e novas se debatem e tornam o ser humano inseguro. Simultaneamente, esse período força o homem a uma reflexão positiva sobre sua origem. Sua vivacidade espiritual nunca esteve tão ativa; suas possibilidades de compreender a origem primeva de sua existência humana raramente foram tão grandes.

As épocas culturais que são denominadas por “período diurno” são superficiais e via de regra não permitem um olhar profundo na evolução da humanidade. Um tal “período diurno” foi a denominada Idade Moderna. Ela trouxe à tona a visão atômica do mundo. A ciência começou a fragmentar todas as inter-relações, a reduzir todas as partes a pequenos elementos, para poder descrevê-los e classificá-los. O ser humano experimentou uma individualização e uma isolamento como nunca anteriormente.

Vivemos atualmente em uma fase noturna. Nesta época, as comportas do abismo serão arrebentadas e o ser humano será confrontado com todas as mazelas de sua existência neste mundo. Nesta fase duas reações da humanidade são possíveis: medo e pânico ou entrega ao Espírito Divino. Para o primeiro grupo Bardiaiev escreve em *O reino espiritual e o reino de César* (1952): *Muito falsa é a afir-*

mação do pragmatismo de que a verdade seja útil à vida. A verdade crística pode até ser muito perigosa... E por isso a verdade pura do cristianismo foi adaptada à vida cotidiana do ser humano e tão extensamente mutilada, que se corrigiu a obra de Cristo, como diz o Grande Inquisidor em Dostoievski.

O segundo grupo é formado pelos homens que não retrocedem ante a visão do abismo. Eles dão atenção aos sinais da época, e uma saudade dolorosa e inexprimível se apodera deles. Sobre isso diz Berdiaiev: *Quando acreditamos na salvação por meio da verdade, nós o fazemos em um sentido completamente diferente. Através da verdade acontece a divisão do que é “de Deus” e do que é “de César”, entre o Espírito e o mundo. A verdade, porém, é percebida somente após um elevado grau de comunidade espiritual. Somente em comunhão com outros seres humanos o homem está em condição de alcançar um nível espiritual elevado, além do mundo subjetivo e do mundo objetivo. Não existe nada superior à busca pela verdade e ao amor por ela. A única e onibarcante verdade é Deus, e o conhecimento da verdade é um penetrar a vida divina (A nova Idade Média, 1927).*

O cristianismo é a religião do amor, não a religião da justiça. No cristianismo a lei é superada, tanto a lei natural como a lei da justiça humana. O ser humano que se tornou parte do mistério da salvação, que aceitou Cristo em si e faz parte da linhagem de Cristo, não está mais sujeito às leis cármicas. Ele escapa do dever de viver o passado em evoluções infinitas, segundo um processo contínuo, sistemático e imparcial.

(Do livro: *Liberdade e Espírito*)

“NADA DE PRESENTE, TUDO EMPRESTADO”

A poetisa polonesa Wislawa Szymborska ocupa-se de diversas maneiras com as grandes questões da vida. Embora não escreva mais do que uma poesia por ano, ela é muito popular, e não somente na Polônia. No dia 3 de outubro de 1996 ela recebeu o prêmio Nobel de Literatura. Ao ser informada de que receberia o prêmio, ela disse que sua vida tranqüila teria, provavelmente, acabado.

Wislawa Szymborska gosta de permanecer por detrás dos bastidores. Ela escreveu, é verdade, sobre o acontecimento de 11 de setembro de 2001, mas mal participa de eventos literários, e tem uma grande repulsa por associações políticas. Ela é profundamente tocada por tudo que acontece no mundo, e suas poesias dão testemunho disso. Assim ela escreve sobre o ser ideal:

O infinito eterno poderia continuar existindo liberto do escuro, feito de luz, em seus idílicos jardins por sobre o mundo. Por que, maldito, mergulhaste na aventura, na péssima companhia da matéria?

As raízes de Wislawa Szymborska estão em Kornik, Posen, no oeste da Polônia. Ela nasceu no dia 2 de Julho de 1923. Os seus primeiros anos de vida foram passados no vilarejo de Bnin. Em 1931, aos 22 anos, ela se mudou para Cracóvia, anteriormente cidade real, onde, imediatamente após a 2ª guerra mundial, estudou Literatura polonesa e Sociologia. Durante 28 anos, de 1953 a 1981, trabalhou como redatora do Jornal *Zycie Literackie*. Seus primeiros sucessos vieram em 1957 com a coletânea de poesias *Wolanie*



TRÊS PALAVRAS SUMAMENTE
SINGULARES

*Quando pronuncio a palavra
Futuro a primeira sílaba
conduz ao passado.*

*Quando pronuncio a palavra
Compreensão eu a destruo.*

*Quando pronuncio a palavra
Nada crio algo que em nenhuma
existência cabe.*

do Yeti (tradução livre: O chamado do yeti) e com a coletânea Sól (Sal) editada em 1962. Depois disso, ela publicou 12 coletâneas poéticas, algumas das quais traduzidas para o alemão, inglês e holandês. Na Alemanha, sua obra foi premiada com o Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt (1991) e em com o Prêmio Herder (1995).

Sua popularidade é fruto da simplicidade da linguagem com a qual ela aborda as complicadas questões da vida tantas vezes tratadas pela “grande” literatura. *Seu pensamento é complexo, mas sua linguagem é simples*, disse um tradutor de suas obras, quando ela recebeu o Prêmio Nobel. Um outro motivo para sua popularidade é, na opinião dos críticos, o fato de que sua obra é para os leitores poloneses um “ponto de referência”. Ela aborda temas universais da vida de cada um, que vão muito além do cotidiano, da política ou da igreja. *Szymborska é uma poetisa do cotidiano, do incompreensível e do inexprimível na existência humana; e também do ser humano que se maravilha com sua existência como ser humano, que ele vê como produto de um milhão de anos de evolução contínua, como pro-*

duto de história e cultura, sem, contudo, enfatizar o meio ambiente nacional polonês, observou um outro tradutor de suas obras.

Com doce maravilhamento ela registra seus comentários. A pena com a qual ela cria sua poesia é maleável e solta. Ainda menininha, com poucos anos de idade, ela descobre a força da gravidade. Ela puxa a toalha da mesa e se pergunta como as xícaras e as colheres que balançam no canto da mesa se comportarão: *Voarão para o teto? Ou ao redor da lâmpada? Saltarão para o parapeito da janela e de lá para a árvore?* Ela se recorda do medo que sentia, quando criança, de pisar numa poça de água de chuva e escreve:

*Eu iria dar um passo
e de repente afundar-me totalmente;
voaria para as profundezas
e mais profundo, sempre mais profundo,
iria ao encontro das nuvens refletidas,
talvez até mais além.*

Tudo isso pode contribuir para despertar a admiração da alma. Mas a poça poderá secar, e daí não se poderá voltar mais. E quando a própria Szymborska se encontra sem palavras, no cemitério, perto das covas de três crianças pequenas, não está tão comovida a ponto de não poder admiti-lo:

*Mas o que podes dizer de um
dia de vida,
um minuto, um segundo:
escuridão, daí um raio de luz e
novamente escuridão?
Cosmos – macrocosmos,
Cronos – paradoxos.
Somente o petrificado idioma grego
tem palavras para isso.*

Existe incompreensão e incompre-

Abertura em
unidade de grupo,
Portugal. Foto
Pentagrama.

ensão. A primeira provavelmente encolheria os ombros diante do acúmulo de fatos. A segunda, a incompreensão de Szyborska, não teoriza a respeito para então encolher os ombros, pois onde ela vê uma oportunidade qualquer, ela apreende a realidade e se curva profundamente diante dela. A vida, então, talvez seja inexplicável, mas as perguntas que daí nascem não o são. A alma, por exemplo, é algo intangível, mas em *Algumas palavras sobre a alma*, a poetisa escreve:

*Raramente ela nos acompanha
durante atividades desgastantes
como deslocar móveis
e carregar malas,
ou percorrer um caminho
com sapatos apertados.*

Justamente na sutileza de suas abordagens é que se esconde a compreensão do indescritível sobre a alma. Assim ela escreve em *A curta vida de nossos ancestrais*:

*Bem e mal –
eles não sabiam muito a respeito,
mas em tudo
se o mal triunfa,
o bem se esvai;
sempre que o bem se revela,
o mal aguarda oculto.
Nem um nem outro é transcendível
ou irreversivelmente mantido
à distância.
Por isso a alegria possui
constantemente um hálito de medo,
e ao desespero nunca falta
silenciosa esperança.
E a vida, ainda que longa, curta
sempre será,
curta demais para acrescentar algo.*

Que buscador da verdade não viverá um momento de identificação, ao

ler a seguinte poesia, que tem como título *Nada de presente*?

*Nada de presente, tudo emprestado.
Estou atolada em dívidas até às orelhas.
Eu tenho comigo
que tenho de pagar para mim mesma,
dar minha vida pela minha vida.*

*Assim, fica estabelecido
que o coração precisa retornar
e que o fígado precisa retornar
e cada dedo em especial.*

*Muito tarde para queimar o contrato.
Dívidas são cobradas,
e chegam-me às orelhas.*

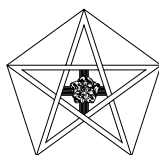
*Eu caminho no mundo,
na multidão, com tantos outros
devedores.
Alguns são obrigados
a dar suas asas como pagamento.
Outros precisam –
quer queiram, quer não –
pagar suas faturas.*

*Do lado do débito
consta cada fibra em nós.
Nem um cílio, nem o menor filamento
podemos reter para sempre.*

*A lista não tem fim,
e parece que depois
vamos ficar para trás, de mãos vazias.*

*Eu não posso me lembrar
onde, quando e por que
eu deixei abrir tal conta.*

*Aquela que chamamos de alma
protesta.
E ela é a única
que não consta na lista.*



A vida divina está sempre minimamente presente no ser humano como centelha provinda do domínio original. Podemos reanimar e inflamar novamente essa centelha se, como um instrumento musical, nos ajustamos à harmonia divina. Então voltamos a nos ligar à força de Cristo, cuja nota fundamental é o amor divino.

(A música das esferas, página 32)